

DEPOSITO LEGAL Rev. 10 10 M

# Animatográfico

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Greta  
Garbo  
EM  
"NINOTCHKA"

A melhor comédia  
de Ernst Lubitsch  
adaptada para a Me-  
tro-Goldwyn-Mayer

# as estreias DO Animatógrafo

## A RÁDIO-FILMES

apresenta

### «MINHA MULHER FAVORITA» (My Favorite Wife)

Produção de Leo McCarey

dirigida por GARSON KANIN

Argumento original de Bella e Samuel Spewack

#### Personagens:

Ellen	IRENE DUNNE
Nick	CARY GRANT
Burkett	RANDOLPH SCOTT
Bianca	GAIL PATRICK

Nick (Cary Grant), advogado célebre, está noivo de Bianca (Gail Patrick). Sete anos guardou-lhe memória fiel à sua primeira mulher e ainda hoje sente a perda de Ellen (Irene Dunne), vítima dum naufrágio quando, com uma missão científica, demandava os mares do Sul.



A responsabilidade inerente ao matrimónio é matéria tão familiar ao Nick como o direito romano. Também não é o péso do braço de Bianca que o traz assim vergado.

A réplica que está a dar ao pensador de Rodin exige uma explicação à noiva já inquieta...



Havemos de convir que não é fácil explicar a Bianca a ressurreição de Ellen, salva por um barco português que o destino — talvez comovido com a fidelidade de Nick — fez aproar à ilha deserta onde ela milagrosamente fôra parar.



Nunca advogou Nick causa mais difícil: ter duas luas de mel em perspectiva, ou, com mais propriedade, ter de escolher uma de entre elas. Em qual dos dois «eixos» assentará ele a sua nova vida? Ellen parece não abandonar os seus legítimos direitos...



Sabe-se agora que Ellen viveu com outro naufrágio na ilha deserta, como Adão e Eva. Nick não se mostra inclinado a entusiasmar-se com a ideia — e procura saber se não teria havido serpente metida no caso.



Enquanto Bianca começa a pensar que «nenhum marido» é melhor que um «mau marido», Nick faz-se juiz da sua própria causa, pesa os direitos que assiste, a uma e a outra e, entretanto, vai sendo um noivo assás fleugmático...



As duas frente a frente! Pior: as duas em frente dele. Nick além de ser americano, lembra-se que desempenha um papel numa comédia romântica, e resolve não dramatizar o caso. Inclinando-se 45 graus para Ellen, deixa perceber o seu propósito.



Bianca defende o seu amor próprio com espírito desportivo; a sentença de Salomão para sobre a cabeça do atribulado Nick.

Este começa a compreender que a questão não é daquelas que o tempo amavelmente se encarrega de resolver.



Até que, por fim, Bianca desliga-se, quasi de bom grado, dum noivo demasiadamente... perplexo. E Nick, nada desapontado com tal resolução, pensa com alegria que a sua mulher favorita passará a ser apenas — e para sempre — a sua mulher. (Texto de António Cupertino Nunes)

# PANORAMICA

## ■ A reparação de «Animatógrafo»

No dia 1 de Abril de 1933, editado pela Sociedade Editorial ABC, apareceu em Lisboa o primeiro número dum semanário cinematográfico intitulado «Animatógrafo». Dirigia-o António Lopes Ribeiro, e rapidamente alcançou, pelo cuidado da sua apresentação gráfica e pelo interesse do seu texto, o favor dos amigos do cinema.

Motivos imprevistos — dos quais o principal foi a partida para o estrangeiro do seu director — levaram a Sociedade Editora a suspender, ao cabo de um trimestre, a publicação de «Animatógrafo». Mas, no espírito dos que nêle colaboraram — Lopes Ribeiro, Félix Ribeiro, Domingos Mascarenhas, Olavo, Alves de Azevedo, etc. — a idéa de fazer reaparecer um semanário que surgira sob tão bons auspícios nunca esmoreceu.

Agora, sete anos volvidos, tal aspiração torna-se realidade. Esses sete anos representam, na vida de todos eles, muitas e muito profundas mudanças. Mas uma coisa nêles não mudou: amor pelo cinema e a fé nos seus destinos. Foi isso que tornou possível a reparação de «Animatógrafo»; e é isso que garante, hoje mais que ontem, a sua continuidade e o seu interesse.

## ■ Semanário de guerra

«Animatógrafo» reaparece em plena guerra, na época mais difícil e incerta que o mundo vive desde que nascemos. Pode parecer assim temeridade, senão loucura, publicar uma revista mais própria de tempos melhores. Nós, porém, não o julgamos assim. Pelo contrário: é nos momentos graves, nos dias perigosos, que urge tomar posições, dar sinais de vida e de confiança. Tudo o que se fizer para manter, para apoiar as actividades mais ameaçadas — e as artes do espectáculo vêm, infelizmente, em primeiro lugar — é nêsses momentos mais oportuno e mais nobre.

Todos os redactores de «Animatógrafo», os antigos e os novos, estão habituados a responder «presente!» e a marchar sem hesitações para a primeira linha sempre que qualquer inimigo ameaça a arte dos seus amores.

## ■ Os percursos

Pode parecer de mau agouro aos super-ticicos, invocarmos aqui os nomes das principais revistas cinematográficas que precederam esta segunda série de «Animatógrafo». E isso porque todas elas, ao cabo duma vida mais ou menos curta e mais ou menos atribulada, acabaram por desaparecer. Mas nunca ingloriamente. Cada uma delas, luxuosa ou modesta, deu o seu quinhão à propaganda duma arte que teve o dom de despertar desde o começo, como tudo o que é forte e verdadeiramente novo, inimigos irreconciliáveis. Por isso, e porque desdenhamos as «calixtagens», não prescindimos de render aqui homenagem aos nossos percursos.

Lembremos assim a *Cine-Revista*, de Fernando Mendes, o *Porto Cinematográfico*, de Alberto Armando Pereira, a *Invicta Cine*, de Roberto Lino, e o *Jornal dos Cinemas*, de Augusto Claro, pioneiros autênticos, pois se publicavam quando as revistas de cinema, em todo o mundo, se podiam contar pelos dedos; o *Film*, de José Figueiroa e Raul Reis, o *Espectáculo*, de Alberto Armando Pereira, e o *Ciné-filo*, de Avelino de Almeida, que bateu o «récord» de longevidade; as duas séries de *Imagem*, de Chianca de Garcia; o *Kino*, de Lopes Ribeiro, que lançou e acreditou o fonocinema; a *Crónica Cinematográfica*, de Mota da Costa, que foi o nosso único diário de cinema, e o *Movimento*, de Armando Vieira Pinto. Final-

# É preciso não desanimar!

Digam o que disserem, o Cinema, ao contrário do que se esperava, resiste vitoriosamente à guerra e à crise que dela resulta. Os primeiros receios, surgidos não só em Portugal mas em todo o mundo, não tiveram, graças a Deus, confirmação. Julgou-se que a produção ia parar, que a escassez e a incerteza dos transportes paralisariam a distribuição, que o aumento inevitável do custo da vida diminuiria a frequência dos cinemas, arruinando a exhibição. Ora a produção, mesmo nos países beligerantes, prossegue a uma cadência amortecida, mas segura. Produz-se na Alemanha, na Itália, em Inglaterra. Na própria França, Marcel Pagnol trata de conservar o fogo sagrado. Dos neutros, a Espanha produz com mais intensidade que nunca. Na América — nem se fala. Produz-se em quasi todos os países da América do Sul. Na Argentina, no México, em Cuba, produz-se mesmo em grande escala.

A distribuição norte-americana na Europa ressentiu-se consideravelmente, é certo. Mas o mercado continental tem capacidade mais que suficiente para não alterar o ritmo da produção nos Estados Unidos. A prova é que se constroem estúdios na Florida para fazer concorrência aos da Califórnia, procurando rivalizar Miami com Hollywood. E há mesmo quem sustente que certas restrições em quantidade melhorariam a qualidade dos filmes produzidos.

Os cinemas europeus que se conservaram abertos, ou que vão reabrindo (em Paris já funcionam muitas dezenas dêles, aumentando o número em cada dia), registam enchentes... sempre que levam bons filmes, e estão vazios quando as fitas não prestam, o que não se pode dizer que seja um fenómeno a atribuir à guerra...

Isto é assim; e isto só surpreende os que desconheciam ou fingiam desconhecer a importância que, em menos de meio-século, o cinema adquiriu na vida da humanidade. O cinema tornou-se, quer queiram quer não, o meio mais poderoso de difusão de que dispõe o pensamento humano. O número de pessoas que vêem um filme de êxito mediocre é muito superior à tiragem do mais poderoso jornal. O livro mais traduzido não consegue atingir a expansão de qualquer filme de Hollywood. A própria radiofonia está ainda muito longe de alcançar o prestígio e a popularidade do cinema.

No domínio dos espectáculos, o cinema bate todos os restantes por uma distância astronómica. Já não é uma simples moda. Tornou-se um hábito, uma necessidade. Criou raízes, tão profundas e tão tentaculares, que não haverá guerras nem crises que consigam destroná-lo.

E em Portugal?...

Em Portugal, os distribuidores têm a sua época absolutamente assegurada. Os exhibidores (aqui para nós) não só se defendem normalmente, como se defendem bem. Pelo menos, não pode dizer-se que a percentagem habitual dos êxitos tivesse decrescido em Lisboa na última temporada e no começo desta. Fitas houve que se mantiveram duas, três e até seis semanas no cartaz do mesmo cinema, facto que se ia tornando cada vez mais raro de há alguns anos para cá. Os últimos números fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística acentuam a «ascendência constante» que se verifica na curva representativa da totalidade de bilhetes vendidos nos cinemas portugueses. Como a fonte de informação é seguríssima, temos êste sintoma por muito animador.

Quanto a produção portuguesa, ocupar-nos-emos largamente, neste jornal, das razões que nos levam a considerá-la oportuna como nunca.

Porque uma coisa se tornou necessária a todos: não desanimar! Para diante é que é o caminho, e aí daqueles que, tomando as consequências dos seus próprios erros por reflexos dum fenómeno geral, encararem sem coragem e sem confiança o dia de amanhã. A todos, industriais, comerciantes, técnicos, artistas, jornalistas e «espectadores», cumpre acreditar no futuro do Cinema, como indústria, como negócio e como arte. Se êles próprios não acreditarem, como querem que «os outros» acreditem?

Hoje, mais que nunca, é preciso cuidar do espectáculo cinematográfico. Hoje, mais do que nunca é necessário «fabricar cinéfilos», conquistar amigos devotados para o cinema.

Que a guerra e a crise não sirvam de pretexto a ninguém para desistir duma iniciativa, para evitar um melhoramento, para conservar uma deficiência. Não é, nestes tempos guerreiros, que o cinema deve «desarmar». Antes deve munir-se de melhores armas, para garantir a sua defesa, e assegurar à sua gente uma paz próspera e fecunda.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

# RECORDAÇÕES... EVOCAÇÕES...

Mau grado o pessimismo contagiado da hora que corre, a pesar-da evocação do dia de hoje, autêntico dia de Finados inúteis, recordados numa data de paz artificial, que só serviu para dar a guerra actual aos órfãos daqueles que morreram supondo-se as últimas vítimas da metralha, não é decente que corresponda à amabilidade de um velho amigo, que me convidou para a festa natalícia do seu «Animatógrafo», comparecendo a ela de fumo no chapéu e de voz soluçante.

Que importa que a criança nasça em triste manhã de Novembro talvez chuvosa, se S. Martinho este ano não nos brindar com o seu famoso verão. Também Jesus escolheu para vir ao Mundo o mês mais álgido do nosso hemisfério, e nem por isso deixou de ser Deus.

Porque não há-de ser «Animatógrafo» que aparece um mês mais cedo, também o deus das revistas portuguesas, havidas e por haver?...

O director de «Animatógrafo» não me levava a bem se eu, abusando da confiança que a nossa recíproca amizade nos concede, desatasse para aqui a elogiá-lo. Demais, é desnecessária salientar a inteligência com que ele reconheceu que só era possível, na hora actual, criar uma revista de cinema tendo presente a sugestão da parábola bíblica do lavrador, que provou aos filhos que, se uma criança era capaz de partir uma simples vara, um homem robusto não poderia vergar um feixe das mesmas, atadas em conjunto. Assim ele pensou reter, em união sagrada, os escrevinhadores que, de há uma boa dúzia de anos para cá, consagraram ao cinema as suas actividades e amores.

Subserve estas linhas talvez um dos mais antigos do grémio e, com certeza, o menos condigno na excelência do conjunto. A dúzia de anos activos diante da tela branca,

Um artigo de JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR, que resume, numa bela síntese, a história do Cinema e da Cinefilia

contemplando a cavalgada de sombras que lhe prendeu os olhos desde o desfilir romântico dos Valentininos, dedilhando sonatas de amor às exóticas Polas Negris, levaram-no, tempos mais tarde, a lutar, raivosa e aliás inútilmente, no último reduto em que os «scarolas» da Arte Muda tentaram ficar, como D. Sebastião, nesse Alcácer-Quibir em que triunfou vitorioso, o Sonoro.

Vencido e, depois, convencido, contínuel servindo a causa que, com som ou sem ele, sempre era, afinal, a do cinema, agora menos arte de museu, mas mais espectáculo de divulgação.

E a cavalgada continuou, talvez mais célere, talvez mais ruidosa e talvez mais rutilante, desde que a tela passou a acender-se dos mil vistosos lumes do technicolor, esse festival de beleza infelizmente ainda tam indiferentemente aceito pelo singular senhor das plateas, vulgarmente cognominado Grande Público.

A cavalgada prossegue e agora a tela está cheia de gente nova, alegre, festiva... É Diana Durbin, Ann Sothern, Gloria Jean, Mickey Rooney... As rainhas de outros tempos, ou de todo se foram a gozar, com os filhos, quando não com os netos, o rendimento dos seus beijos longuíssimos, nos lábios, agora osculados pelos vermes, de John Gilbert, Rudolph Valentino, Douglas Fairbanks, ou uma ou outra, de vez em quando, muito à cautela, após prolongada e prudente cura de repouso, aparece, faz uma fita em que se gastaram mais contos de publi-

cidade do que de película, e depois esconde-se outra vez, à espreita do resultado e estudando se merece ou não a pena reaparecer de novo.

Em doze anos, o cinema, já com quarenta e cinco épocas de invernos cumpridas, mudou muito. Tem agora, por exemplo, uma nova faceta de que então se não suspeitava sequer a hipótese: os milagres de Walt Disney. Dos astros da nossa meninice-cinefila poucos ou nenhuns hoje existem. O simbólico Tom Mix foi, a seguir ao seu camarada Douglas Fairbanks, também a enterrar.

De todas essas recordações de outrora, o dit' de Clara Bow, as covinhas de Laura La Plante, a tranquilidade de Bebe Daniels, a aristocracia de Florence Vidor, a melancolia de Norma Talmadge, o romantismo de Pola Negri, não representam hoje, para os velhos cinefilos, mais do que páldias saudades, aliás ignoradas dos jovens admiradores de Shirley Temple, Eleanor Powell, Diana Durbin, Dorothy Lamour, Judy Garland.

Apenas nos ficou, felizmente, ainda de pé (e isso porque ele é tam grande que nem os anos nem as complicações passionais o conseguiram derrubar), o expoente mais significativo da Sétima Arte: o glorioso Charlie Chaplin! Mas, mesmo esse, agora deu em político...

Sim, porque o universal comediante talvez escusasse de ter perdido o sangue frio e feito «O Ditador»...

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

## A CARREIRA DE «REBECCA»

«Animatógrafo» não se cansará de repetir que o cinema, industria poderosa e elemento imprescindível na vida dos povos, tem resistido às consequências tremendas da guerra, marchando triunfalmente, seguro da sua importância.

Ilustrando bem este interesse do público pelo espectáculo cinematográfico, está o êxito alcançado em vários países pelo notável filme da United Artists, «Rebecca», produzido por David O. Selznick, uma das mais sérias e esclarecidas competências no campo da produção cinematográfica americana, dirigido por Alfred Hitchcock e interpretado por dois grandes artistas: Lawrence Olivier, o espantoso Heathcliff do «Monte dos Vendavais», e Joan Fontaine, que neste filme se revela como uma das mais sensíveis e inteligentes actrizes americanas.

Em Londres está «Rebecca» a ser exibida no Gaumont Theatre há sete semanas, com um êxito sempre crescente.

Na América do Sul o êxito com que aquele filme tem sido recebido é absolutamente invulgar. Em Buenos Aires, há oito semanas que se mantém no cartaz. No Rio de Janeiro e em S. Paulo, o mesmo acolhimento triunfal. No Rio, nos cinemas Luiz e Odeon, esteve duas semanas em cada um, e no cinema Opera de S. Paulo, três semanas, a primeira das quais bateu todos os «records» de receita daquela casa de espectáculos.

Na Cidade do México, no cinema Alameda, há quatro semanas que se mantém em exhibição, batendo também um «record» de duração no cartaz, pois até agora nenhum outro filme se manteve mais de três semanas. Em Caracas, em Porto Rico, como nos dois primeiros cinemas de Havana, entrou na segunda semana de exhibição.

Mas não é tudo. Na Austrália, no Regent e no Embassy de Sidney, há cinco semanas que se conserva no cartaz com receitas extraordinárias. Na Nova Zelândia, esteve quatro semanas, e na Índia, em Bombaim e Calcutá, passou 3 semanas no «écran» do Empire e do Elite. Na África do Sul, «Rebecca» alcançou tal êxito, que foi o primeiro filme que em Durban se exibiu duas semanas.

mente, o *Cine-Jornal*, de Fernando Frago, último sobrevivente, que a guerra actual matou por falta de papel.

A todos aqueles que, tão corajosamente, procuraram criar antes de nós e connosco uma imprensa cinematográfica, «Animatógrafo» agradece, orgulhando-se de os contar a quasi todos entre os seus colaboradores.

### ■ «Animatógrafo» porquê?

Pode causar engenhos que se tenha escolhido em 1940, como em 1933, um nome fóra de moda, que já ninguém dá ao cinema, para designar um semanário cinematográfico com fumaças de moderno. Os filólogos acrescentarão que «animatógrafo» é palavra híbrida, de formação meia latina, meia grega, portanto condenável. Nós diremos que, quando o cinema se chamava «animatógrafo», possuía muitas das qualidades que hoje lhe faltam, e de que o público se deshabitou, donde resultam frequentes confusões e tremendas injustiças. Como pretendemos lutar nestas páginas por um cinema mais cinematográfico, por um regresso ao classicismo dos antigos tempos, pela libertação da sétima arte do romantismo desordenado que a ameaça, depois da praga realista, da peste freudiana e do dadaísmo epilético do *non-sense* — não hesitamos em chamar ao semanário «Animatógrafo».

Depois, em «Animatógrafo» há a raiz *anima*, que significa *alma*. E sem alma, em cinema

como em coisa nenhuma, não se faz nada de jeito.

### ■ «Bel Tenebroso»

Entre os colaboradores de «Animatógrafo», queremos destacar um, cujo pseudónimo se tornou célebre nas páginas de «Cine-Jornal», onde manteve a mais equilibrada e, sem dúvida, a mais interessante secção de correspondência com leitores que tem aparecido em revistas cinematográficas portuguesas.

E isso não é dizer pouco, pois os portugueses contam alguns dos mais competentes *ansuer-men* — os «homens-resposta» — do cinema. Essa colaboração foi decidida, não só pelo director, mas por todos os redactores efectivos, numa unanimidade indiscutida. Se dissermos agora que figuram na nossa redacção os legítimos detentores de outros pseudónimos famosos, — «Múltiplos», «Homo Sapiens», «Dr. Celuloide», «Prof. Movietone», — a escolha de «Bel Tenebroso» para o consultório de «Animatógrafo» tem um significado especial, tão honroso para ele como para os seus camaradas.

### ■ Tom Mix, R. I. P.

Nenhum verdadeiro amigo do cinema pode ter ficado insensível à notícia da morte de Tom Mix, rei dos vaqueiros do Oeste americano, imperador desse mundo de violência, de perigo, mas também de lealdade e de saúde, a que o cinema tanto deve da sua popularidade

e também (nunca é demais dizê-lo) do seu movimento e do seu ritmo. Desses heróis soberbos, verdadeiros Aquiles da mitologia cinematográfica, Tom Mix era decerto o mais integralmente fiel às tradições primeiras. Douglas Fairbanks, que o precedeu na morte, abandonara as cavalarias vaqueiras, os ranchos e os revólveres, por uma espécie de Távola Redonda de fantasia.

William Hart, o Homem-dos-Olhos-Claros, aposentou-se em catadráfico de proezas hípiacas e de pontarias, Eddie Polo sumiu-se na espessura das próprias sobrancheiras, com os polainitos e o fato aos quadradinhos com que o vimos em Berlim pela última vez. Quanto aos continuadores actuais dessa nobre linhagem — só lá vão com cantoria...

Adeus, Tom Mix! Não sei como foi o teu enterro. Calculo que tenhas ido numa dessas auto-carretas apressadas, com três parentes velhos e um repórter jovem, que talvez nunca tenha visto o *Tio Paciência*, nem o *Cow-Boy e o Rei*, em que tu, tão generosamente, revelaste Mickey Rooney ao mundo ingrato dos teus antigos *jans*. Mas eu suponho que a tua alma foi direitinha, a cavallo no teu malhado «Malacaras», de botas, saftões e esporas, seguida por um cortejo de *cow-boys* defuntos, que rolavam nos dedos grossos os chapéus enormes e levantavam com os botins afiados uma nuvem de poeira fina, direitinha ao Valhala dos filhos da Aventura.

Adeus, Tom Mix! Repousa em paz.

## CINEMA PORTUGUÊS

Na Lisboa Filme,  
**Adolfo Coelho**  
 termina a sua primeira  
 realização cinematográfica;  
 «PÔRTO DE ABRIGO»

O aparecimento dum nome novo à frente duma realização cinematográfica é sempre, para nós, motivo de regosijo. Para que o cinema português se desenvolva e prograda é indispensável aumentar-lhe o número de possibilidades de acertar isto é: dar aos seus entusiastas ensejo para demonstrarem as suas capacidades profissionais, deixando-os ensaiar a sua própria maneira de ver, desde que ela não seja notoriamente contrária, por desrumbelada ou pueril, àquilo que tempo e tanto dinheiro custou aprender aos outros. Adolfo Coelho não é, propriamente, um nome novo no cinema.

Há já doze anos que dirige a secção cinematográfica do Ministério da Agricultura (uma das raras entidades oficiais que dá normalmente à cinematografia um lugar semelhante ao que lhe cabe de direito), e sob a sua direcção têm sido produzidos alguns filmes muito interessantes, embora dum género especial que os afasta da programação corrente.

Entregando-lhe a realização do primeiro filme de entretcho que produz, a Lisboa Filme propôs a Adolfo Coelho um problema difícil: apresentar um filme que saísse da norma habitual, mais ou menos regionalista, do cinema português. O



ADOLFO COELHO  
 visto por Teixeira Cabral

nosso público quer ver artistas portugueses representando os tipos habituais do cinema internacional, enquadrados numa aventura autêntica, sem satóios, nem fadistas, nem

campinos, nem ballaricos, nem canções intensivas. Isso é difícil, como dissémos. Mas confiamos no engenho de Adolfo Coelho que também é o autor do argumento e dos diálogos de «Pôrto de Abrigo», engenho que tantas vezes tem sido posto à prova, saindo-se sempre vitoriosamente, no campo literário. O autor da «Internacional do Dinheiro», da «Internacional do Crime», de «A Grande Ameaça», dos «Bastidores da Grande Guerra», de «Ópio, Cocaína e Escravidão Brancas», é uma das nossas raras autoridades nos domínios do secreto, do misterioso e da aventura.

#### OS INTERESSES DOS VIZINHOS

Claro que muitos julgar-se-ão já prejudicados com este estado de coisas em perspectiva. Confundirão Consórcio com monopólio. Estão a ver já fechadas as portas do cinema. E como se olhassem para um horizonte pardo, ouriçado de espinhos, armam em vítimas...

Pessoa que está no segredo deste assunto diz-nos que o Consórcio não bulirá nos interesses dos vizinhos. A nossa única fábrica de filmes estará aberta a quem quiser trabalhar. O Consórcio apenas se propõe garantir continuidade ao cinema português, sem favoritismos e sem transigências. No seu plano, está estabelecida a realização de três filmes por ano. Dentro deste espaço de tempo, no entanto, trabalhará quem queira. O próprio Consórcio dará a preferência aos que vierem de fora, adiando os seus projectos para datas seguintes, tudo estudado de molde a que haja sempre actividade nas duas quintas do Lumiar.

Como se vê, não se trata de monopólio. Trata-se, antes, de uma iniciativa indispensável a que preside o bom senso contra a aventura e o estudo contra a improvisação. Assim, será de lamentar se a união Tobis-Lisboa Filme não for por diante, por lhe faltar o ambiente necessário nos meios onde existe o direito de se olhar para estas coisas a sério. Se outro valor não tivesse esta cartada que nos parece decisiva para o futuro do cinema nacional, serviria para congregar valores que andam dispersos ou divorciados uns dos outros neste País pequeno que parece uma família — uma família que se dá mal, é claro!

AUGUSTO FRAGA

## VER... E FALAR

A notícia não é nova. Aproveitei jornalisticamente a oportunidade para me referir a ela, procurando-lhe tirar aquele ar costumado de boato de café, ainda que me faltassem pormenores. A Tobis Portuguesa e a Lisboa Filme devem fazer um Consórcio que permita a inação que tem caracterizado os anteriores momentos do cinema nacional, arrumando-se os vários problemas, dando-se sequência a trabalhos, estabelecendo-se linhas fortes e perduráveis com os mercados estrangeiros — numa palavra — dando-se vida industrial à nossa produção de filmes.

A confirmar-se tal união, os que vivem do cinema português — e são tantos! — e o próprio público só serão que se felicitar. Será garantia de trabalho que transformará o estúdio numa oficina completa e que levará o nosso cinema a entrar em tranqüillidade e normal forma imperdível, com actividade permanente de ter aquele ar de — Deus-quiser, porque os idóneos adquirirão trabalho — «AN e, assim, «profissão» — como quem diz, o conhecimento sólido e utilização habitual seu ramo de actividade.

#### MOMENTO OPORTUNO...

Não se pode dizer que o Consórcio não venha na sua hora própria. Estamos em bom tempo de

«começar definitivamente». Só temos a ganhar com isso. Nem vícios tradicionais, nem público mal habituado. As vezes, quando se anuncia um novo filme português, supõe-se (e diversos são os elementos que colaboram na propaganda dessa suposição) que vai estabelecer-se definitivamente em Portugal a indústria do cinema e rajar, finalmente, a aurora duma arte cinematográfica nacional. Ora os mais caloiros no ofício sabem a distância que vai da realização de um filme à instalação de uma fábrica de filmes. E essa distância não se mede sómente em escudos, mas em homens e, sobretudo, em estudo, em organização.

Evidentemente que tem sido essa falta de disciplina que tem deixado a perder o nosso cinema. Até aqui não tem passado de uma caixa de surpresas e de desilusões. Tem-se perdido o tempo a puxar cada um a brasa à sua sardinha. Aproveite-se portanto, este momento para criar um espectáculo nacional útil, não se esquecendo que o cinema é espectáculo de multidões que deve cingir-se a estas duas balizas: contar com a friabilidade inevitável do público e servi-lo, instruindo-o, encaminhando-o, fornecendo-lhe conteúdo feito sobre a verdade da Vida, ao sabor dos mais elevados princípios do interesse colectivo.

Tudo nos leva a crer que tenha feito de «Pôrto de Abrigo» uma obra equilibrada e empolgante, rolando habilmente as dificuldades que o género apresenta.

As filmagens de «Pôrto de Abrigo», com Salazar Deniz à manivela e F. Quintela no registo do som, começaram a 9 de Setembro. A data em que publicamos estas linhas, o filme pode dizer-se concluído, pois faltam apenas alguns planos de ligação e as sonorizações musicais, a cargo de António Melo e Jaime Silva, Filho.

Os interiores foram tomados inteiramente no pequeno estúdio da Lisboa-Filme, com material eléctrico cedido pela Tobis Portuguesa, que deu assim uma bela prova do alto espírito de colaboração a favor do cinema português que hoje a orienta.

«Animatógrafo» publica, com este número, um suplemento extraordinário de 4 páginas em rotogravura, onde se dão, pelas imagens e pelo texto, todos os esclarecimentos que o público reclama acerca de «Pôrto de Abrigo».

B. F.

No próximo número:

**FERNANDO FRAGOSO**

# VIDA CORPORATIVA

O cinema é uma actividade nacional organizada corporativamente. O Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema é um dos mais antigos, pois existe desde 1934. Conta hoje mais de 1.200 sócios e representa cerca de 2.000 trabalhadores portugueses. Estão constituídos o Grémio Nacional dos Distribuidores de Filmes e o dos Cinemas. Está eleita a comissão organizadora do Grémio dos Produtores. Apesar disso, e por mais estranho que pareça, «Animatógrafo» é a primeira revista de cinema que dedica uma secção à vida corporativa. Nela se relatará o que interesse à actividade sindical e gremial, e se tratarão os problemas da corporação. Circunstâncias especiais asseguram que a secção será, sem dúvida, bem informada. Ao inaugurar-la, o seu redactor saúda o Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, os Grémios e o Sindicato, propondo-se defender nela, imparcialmente, os interesses legítimos dos trabalhadores do cinema, sejam eles patrões ou empregados.

## A SEDE DA DELEGAÇÃO DO NORTE DO S. N. P. C.

A inauguração no Pôrto da sede da delegação do Norte do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema deu lugar a uma série de manifestações a que a imprensa diária portuguesa se referiu largamente e que provaram o alto espírito corporativo que caracteriza a gente dos filmes. Tanto na sessão solene do dia 6 no Sítio João Cine, como no almoço de confraternização do dia imediato, que reuniu mais de duzentas pessoas, as entidades patronais associaram-se de forma inultrável ao fúlbulo dos seus empregados. O sr. Sub-delegado do I. N. T. P. no Pôrto, dr. Fernando de Matos, salientou, numa abocção brilhantíssima, o significado de tal associação. E disse que considerava esse facto como prenúncio certo da facilidade que a direcção do Sindicato decrete encontrar para celebrar o contrato colectivo. Ora nós sabemos que o contrato colectivo é, neste momento, a preocupação n.º 1 dos dirigentes do Sindicato. E, tal como o sr. dr. Fernando de Matos, temos as manifestações a que assistimos como óptimo sinal de harmonioso entendimento.

Além disso, o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema é hoje, nos próprios olhos do Instituto Nacional do Trabalho, uma das organizações sindicais que melhor demonstra quanto pode conseguir a orgânica corporativa do Estado Novo, regida pelo Estatuto do Trabalho Nacional. As suas duas sedes, a de Lisboa e a do Pôrto inauguradas com escassos meses de intervalo, materializam perfeitamente os resultados que se obtiveram em menos de três anos, pela aplicação sistemática e perseverante da doutrina de Salazar.

## O CASO DO RIVOLI

Ainda antes do contrato colectivo já não são poucas nem insignificantes as vantagens obtidas pelo Sindicato para os seus assó-

## O CASO DO RIVOLI E O DO TRINDADE

ciados e contribuintes. Férias pagas, revisão de horários de trabalho, regularização progressiva do descanso semanal, fiscalização efectiva — mesmo sem falar na carteira profissional, na cotização obrigatória, na classificação oficial das categorias, nem noutras vantagens de ordem geral, tudo tem sido e vai sendo conseguido a pouco e pouco — um pouco e pouco que mais parece muito e muito...

No Pôrto, graças à dedicação do Delegado e dos Adjuntos do Sindicato, e à boa vontade e espírito de justiça da grande maioria dos empregados, conseguiu-se mesmo que, este ano, fossem aumentados todos os porteiros e arrumadores dos cinemas da Cidade Invicta.

Apenas um cinema — o Rivoli — não seguiu ainda o exemplo dos restantes. Mas o mais estranho é que não só não aumentou, como diminuiu o reduzidíssimo salário das suas arrumadoras, que ganham apenas dois escudos (não é gralha: dois escudos) por dia, ou seja um escudo por espectáculo.

Note-se que semelhante salário é calculado em tão baixo nível por se contar com as gorjetas dos espectadores, remuneração antipática mas, para tais salários, indispensável, como se vê. E a verdade é que o público cada vez se mostra menos generoso...

Estamos certos de que o empresário do Rivoli não tardará em seguir o exemplo dos seus colegas do Pôrto. Tanto mais que lhe cabem as responsabilidades inerentes ao cargo de delegado do Grémio Nacional dos Cinemas. E nos estatutos de todos os Grémios patronais lá vem que a todos os dirigentes, directores ou delegados, *cumpra melhorar por todos os meios legítimos ao seu alcance as condições económicas e sociais do pessoal que têm ao seu serviço.*

## O CASO DO TRINDADE

Desde que terminou o arrendamento do Trindade de Lisboa pela Emissora Nacional, em Julho deste ano, uma única empresa se habilitou à sua exploração: a empresa Vicente Alcântara, Lda, que explora os cinemas Odéon, Palácio e Royal. Essa empresa, cuja iniciativa e competência no ramo da exibição cinematográfica são notórias, inaugurou, com estreias, a época de inverno. Mas não haviam passado três semanas quando foi intimada a abandonar a casa de espectáculos e a rescindir do arrendamento no prazo de 45 dias. Porquê? Porque a direcção do S. N. dos Artistas Teatrais oficiara ao sr. Ministro da Educação Nacional protestando contra o facto de mais um teatro de Lisboa adoptar a exploração cinematográfica. Resultado: 45 pessoas na rua, pois foram despedidos, como conseqüências do mandado de despejo, todos os empregados (projeccionista, porteiros, arrumadores, etc.) que a empresa Vicente Alcântara contratara.

Mas o mais extraordinário é que

o Trindade continua fechada. Não há nenhuma empresa disposta a assegurar a sua exploração teatral, nem companhia formada que esteja ensaiando qualquer peça que do Trindade se destine!

A exibição da companhia de bailados portugueses «Verde Galo», dirigida por Francis, só se destina a uma curta série de espectáculos.

Assim, não percebemos a que veio o protesto da direcção do S. N. dos Artistas Teatrais, a não ser que fosse ditado por simples raiva ciné-foba.

Além disso, o Trindade já não tem de há muito género próprio, pois tem apresentado, nestes últimos anos, conferências, concertos, bailados, variedades, teatro de toda a ordem, e principalmente cinema. A ameaça constante de ocupação telefónica que sobre ele pesa, afugenta capitais, empresários, artistas — e até o público. Só o cinema, com a sua força e as suas possibilidades únicas se arrisca a suportar os seus encargos.

Pois não se consente que o facho, tirando trabalho remunerado a algumas dezenas de portugueses,

Porque é preciso acabar com a cantiga de que o cinema só dá dinheiro a ganhar aos astros estrangeiros. Os 2.000 inscritos do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema provam o contrário. Os 45 desempregados, quasi todos chefes de família, que agora saíram do forno demonstram-no claramente.

Se o teatro em Portugal não marchasse por falta de palcos disponíveis, vá que não vá. Mas o que falta ao nosso teatro não é bem isso: são autores, são cenógrafos, são empresários, são actores. Os que há produzem em série, pintam papel com o tempo da Maria Castanha, vêm-se forçados a dirigir um número excessivo de companhias (?) e deambulam de agrupamento para agrupamento, de palco para palco, de peça para peça, de terra para terra, numa roda viva que mal lhes dá tempo a ouvir o ponto e a borrar a cara, sem se fixarem num género, nem num teatro, nem num público.

Não sobejam nenhuns a quem o Trindade faça falta.

Não percebemos portanto porque motivo se despediu do Trindade um empresário e 45 trabalhadores de cinema. E confiamos que a exposição feita pela direcção do S. N. dos Profissionais de Cinema ao sr. Ministro da Educação Nacional dê ao caso a solução que a lógica e a justiça tornam lógica e justa.

## UM DESPACHO OPORTUNO

Pela Secção de Organização Corporativa do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, foi publicado no «Diário do Governo» n.º 240, I série) de 15 de Outubro último o seguinte oportuno despacho:

Para os devidos efeitos se publica que, por despacho de S. Ex.º o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social de 15

de Julho último, foi entendido que as infracções ao disposto no decreto-lei n.º 29.931, de 15 de Setembro de 1939, podem constar dos autos de notícia a que se refere o seu artigo 7.º, levantados pela fiscalização do trabalho, e que fazem fé em juízo até prova em contrário, e podem constar também de quaisquer participações, entre as quais as dos sindicatos, enviadas aos tribunais do trabalho.

Estas participações são suficientes para se promover a acção penal, nos termos do art.º 16.º e seu § único do Código de Processo Penal, e sobre elas deve proceder-se sempre a corpo de delicto indirecto.

Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, 10 de Outubro de 1940, O Secretário, Pedro Botelho Neves.

Quere isto dizer que o não pagamento da cotização obrigatória que o decreto-lei 29.931 determina, e a que algumas empresas procuram fugir, quer declarando menos empregados do que têm, quer não fazendo caso algum e não pagando um chavo, pode passar a acarretar aos infractores sanções legais.

Mais vale prevenir que remediar, principalmente em casos como este, em que o não cumprimento dum lei não tem remédio — nem desculpa.



— Consta que o célebre realizador do super-filme trico-agrícola «Our Bread» vai constituir uma poderosa companhia produtora com o conhecido capitalista cinematográfico Coast Oak, companhia que adoptará a razão social «Miracle Pictures, Incorporated», o que significa, pouco mais ou menos, «Filmes Milagres». A referida firma vai adoptar, em toda a sua publicidade, o seguinte slogan: «Se é um bom filme — é um Milagre!»

— Partiu para Miami (Flórida), a fim de descansar do insano trabalho de cavado do seu sempiterno filme «A Man of the Riversides», o desconhecido realizador Henry Fields.

— Os principais accionistas da «Unique Studio & Malveira, Ltd.» propuseram ao administrador-delegado da companhia, Rod Chicken, um contrato de 2.500 dólares por semana para desempenhar o papel de galá no próximo filme do realizador-pescador Brunius von Eke, pois está sobejamente provado que ele é muito mais bonito que todos os galás habituais dos filmes da companhia.

— Nos meios cinematográficos bem informados, consta que a parte de uma ideia de segunda versão (muda) de «Auspicioso Enlace», de que vedetas Oliver Martin e Mar. Como é sabido, a primeira versão (falada) foi desempenhada pela mesma artista e pelo actor Stev. Amarant.

O HOMEM-SOMBRA

## A HISTÓRIA DESDE PEQUENINO DE

## ÓSCAR DE LEMOS

Segundo Gaita da «Aldrabófona», Homem das grandes Soluções, Galã cómico do Cinema Português

No dia 17 de Setembro, há trinta anos, nasceu em Viana do Castelo um miúdo como tantos outros... O cinema então não era nada. E pessoa nenhuma do mundo, daquelas que fazem sempre cálculos de carreira aos recém-nascidos, seria capaz de dizer:

— Aquil está um futuro galã cómico de cinema.

Vinte e cinco anos mais tarde, nem o próprio miúdo, já feito homem e coleccionador de casos espantosos, teria tal sonho.

Todavia era verdade. Naquele dia nasceu um galã, o mais popular galã cómico do cinema nacional: Oscar de Lemos.

Como se vive a vida de toda a gente!

Uma tarde, entre o café e o jantar, pedi a Oscar de Lemos que me resumisse a sua vida. E ouvi, mais ou menos (menos, com certeza, porque tudo quanto se escreve de Oscar de Lemos é sempre menos do que ele conta) o seguinte:

«Olha: até aos dez anos não te sei dizer nada porque sempre souri de uma grande amnésia. Depois dos dez anos fui viver para o Porto, para casa dos tios para... estudar!»

— E o que é que fazias?

«Emfim, subia para os eléctricos, descia dos eléctricos, ia almoçar, sentava-me nas cadeiras mais variadas, em casa, na escola, e nos... eléctricos. Jantava, tinha outros caprichos habituais e no outro dia começava...»

«Um dia fui a um cinema, o primeiro dia, ver a primeira fita... e adorei. Não tinha queda nenhuma para cinefilo e adornei. Depois casei. Casei, não por adormecer, evidentemente... Casei muito mais tarde, quando já há mais de duas dezenas de anos que subia para os eléctricos e descia dos eléctricos. Vim para Lisboa, fui comerciante, perfumista, angariador de segurasas.

— Mas sem ser isso que é que fazias?

«O que fazia? Era um cidadão como os outros, que andava, por aí, por aí, por cima de toda a folha e, claro, subia para os eléctricos, descia, etc...»

— Mas não tinhas outro desporto, senão subir para os eléctricos?

«Tinha. Tocava gaita de beijos. E foi por isso que entrei para a «Aldrabófona». E por causa da «Aldrabófona» entrei para o cinema.

A Sociedade do Geografia... da Trafaria

O leitor talvez não saiba o que foi a «Sociedade do Geografia... da Trafaria». Um grupo de ilustres, pessoas da maior categoria social com vontade de andar sempre em boa disposição. Ora a «Sociedade» queria ter o luxo duma orquestra privada, uma orquestra que não fosse vulgar. E P. D. — membro da «Sociedade» conhecia muitos tocadores de gaita. E o Oscar tocava gaita e conhecia o P. D.

Quando a «Aldrabófona» (Orquestra privada da Sociedade do Geografia da Trafaria) se exibiu pela primeira vez no Rádio Clube Português, Oscar de Lemos era o segundo gaita da «Aldrabófona», a «Oscarita» que apresentava o célebre «Bailado Oriental» e o homem que ia contrariar o Destino.

«Até aos vinte e tantos anos, conta Oscar, fui um triste... Mas, por fim, aborreci-me. Resolvi vingar-me e desatei a andar sempre bem dispostos.

Sob a batuta energética de Figueiredo Figueira Figueirinhas Figueira Figueira da Foz Figueira dos Vinhos (vulgo maestro Aldrabowsky) a orquestra singrou. Ainda se lembram certamente do tempo em que se ficava em casa, à quinta-feira, para ouvir a «Aldrabófona». Nesse tempo o Oscar, em



«João Ratão» popularizou em Portugal inteiro a cara de Oscar de Lemos. Será o seu melhor papel? E, pelo menos, o mais difícil, pelo confronto inevitável com a criação inesquecível de Estêvão Amarante. E Oscar é sempre tão simples, tão humano, tão cinematográfico, que vê-lo na tela, como na vida, é sempre um autêntico regalo

vésperas de ser um popular galã, tinha medo do cinema.

Precisa-se um «Caçarola»

Um dia, Jorge Brum do Canto que se preparava para realizar a «Canção da Terra», confessou a um amigo que não sabia de ninguém capaz para fazer o «Caçarola».

Trouxeram-lhe um candidato muito tímido e muito envergonhado, um rapaz que no primeiro quarto de hora não falava, no segundo quarto de hora já contava anedotas e daí para a frente não deixou mais ninguém abrir a boca senão para rir. O rapaz era o Oscar de Lemos, o que não tinha vocação para o cinema.

Alguns meses depois, em plena ilha de Porto Santo, a «equipe» que filmava «Canção da Terra», tinha-se arrastado até ao alto dum monte para filmar um só plano. O sol esteve escondido durante quasi o dia inteiro... Mas de repente, através duma nuvem, brilhou; era a altura, a unica, de se filmar a cena. Jorge Brum do Canto, com medo de perder a oportunidade multiplica-se, grita, gesticula, dá ordens. No meio da grande agitação há uma voz que lhe diz baixinho, ao ouvido:

— Eh, pá, deixas-me entrar na fita?

E quasi não se filmou porque o J. B. C. só parou de rir dez minutos depois.

Oscar de Lemos já era cinefilo. Cantor das horas de variedades da Emissora Nacional, artista de teatro, saio na «Aldia da Roupa Branca», soldado no «João Ratão», pescador no «Porto de Abrigos» — depois de perfumista, angariador de

seguros, «ballarinas», segundo gaita, cidadão de andar por cima de toda a folha — Oscar de Lemos é o homem das grandes soluções.

Grande solução dum pequeno almoço

Oscar é, como toda a gente, um pouco supersticioso. Não pode ver um homem com uma mala às costas sem ver o fecho da mala. Detesta o numero três e sai sempre de casa com o pé direito (se não sai, volta atrás para sair). E também não lhe corre o dia bem quando o «pequeno almoço» é, na verdade, pequeno.

Uma vez na «Aldia», filmavam-se as cenas de pancadaria. Oscar só tinha bebido um copo de café com leite. Foi dia célebre... No primeiro plano que filmou, um dos figurantes, desconhecendo o respeito devido aos intérpretes de categoria, estendeu-o no chão com um soco tal que o obrigou a trazer, como ele diz, a cara ao peito durante uma semana.

Desde aí o pequeno almoço do Oscar vai sempre para o estúdio num «embrulhinho» e consta, mais ou menos, de sopa, dois pratos, fruta, pão e vinho.

Com verdade se podia dizer que o Oscar pode ser homem de grandes soluções... mas não lhe dá jeito nenhum ser de pequenos almoços. Quem diria, em 17 de Setembro, há trinta anos, em Viana do Castelo...

E quem dirá agora que só as biografias de Hollywood têm pitoresco e interesse?...

FERNANDO GARCIA

«ANIMATÓGRAFO» encarrega-se de fazer chegar, gratuitamente, às mãos de todos os artistas portugueses de cinema, as cartas que lhes forem enviadas, ao cuidado da nossa Redacção, para a Rua do Alecrim, 65, 1.º — LISBOA.

# NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

## VEM AI CARMEN MIRANDA!

Carmen Miranda, nossa simpática compatriota e celebrada cantora de sambas e modinhas brasileiras, que o ano passado, durante a feira de New-York viu o público desta cidade a seus pés quando os irmãos Schubert a fizeram aparecer, com um êxito sem precedentes no teatro e na rádio, interessou, como não podia deixar de ser, os produtores da Califórnia. Assim, ela é o grande cartaz do filme-musical, em technicolor, que a Fox há pouco concluiu **Down Argentine Way**, realizado por Irving Cummings e interpretado por Don Ameche, o simpático intérprete da «Vida de Graham Bell», a engraçada Charlotte Greenwood, há muito afastada dos estúdios e a escultural Betty Grable, aquela formosíssima rapariga que se apressou

a divorciar-se de Jackie Coogan quando o soube sem vintém...

Carmen Miranda, em quem os caracterizadores de Hollywood operaram milagres, canta naquele filme as canções «South American Way», «Bambú», «Mamãe eu quero», «Touradas em Madrid».

## GINGER DE CABELOS PRETOS!

Depois de «Primrose Path» que Gregory La Cava dirigiu para a R. K. O. e em que Ginger tinha um papel dramático, vivendo a figura duma modesta rapariga a quem os pais maltratavam, criada dum café do porto de S. Francisco, está agora a simpatíssima «glamour-girl» interpretando para aquela mesma companhia e dirigida por

Sam Wood (o encenador de «Mr. Chips») o filme **Kitty Foyle**, que nos conta a história duma rapariga tipicamente americana. Com ela aparecem Dennis Morgan, um novo galã, Ernest Cossart e Eduardo Ciannelli. Ginger Rogers, que em «Primrose Path» nos aparece modestamente vestida e de trancinhas, volta neste seu novo filme a usar com a elegância que lhe é peculiar os seus habituais vestidos luxuosos e a aparecer com o seu celebrado penteado. Apenas a linda cabeleira loira foi aqui substituída por uns belos cabelos negros...

Modesta ou elegante, ballarina ou artista dramática loira ou morena, Ginger Rogers é sempre uma comedianta notável, sem dúvida uma das mais sensíveis atrizes da actualidade.

## UM NOVO «SINAL DE ZORRO»

«O Sinal de Zorro», essa obra prima do cinema, que ficou como um dos seus indiscutíveis clássicos, prodígio de movimento e de aventura, de graça e de «panache», e em que a admirável interpretação do saudoso Douglas fizera dele um filme inesquecível — os cinéfilos da primeira hora lembram-se, por certo, de o terem visto há uns quinze anos no «écran» do Tivoli — foi de novo levado ao cinema. Da história apaixonante de Johnston McCulley tirou agora a Fox **The Mark of Zorro**, que Rouben Mamoulian dirigiu, com Tyrone Power, Linda Darnell, J. Edward Bromberg, Basil Rathbone, Eugene Paulette, Gale Sondergaard nas personagens outrora criadas por Douglas Fairbanks (figuras de «Don Diego Vega» e «Zorro»), Marguerite de La Motte (Lolita Pulido), Robert Mac Kim (capitão Ramon), Noah Beery (sargento Pedro), Walt Whitman (pai Filipe), Claire Mac Dowell (a mãe de Zorro), dirigidos, por sua vez, por Fred Niblo, o homem que depois faria «Ben Hur».

Oxalá nesta nova versão possam os cinéfilos de hoje experimentar a sensação de deslumbramento e a emoção dos que, em 1925, tiveram a dita de ver Douglas traçar, à ponta de espada, na cara do capitão Ramon e do sargento Pedro o famoso Z, sinal de cobardia e de deslealdade, e conquistar depois o coração sensível de Lolita Pulido!

## JEANNETTE & ESPOSO EM «SHOW BOAT»

**Show Boat**, a famosa opereta de Jerome Kern vai de novo, e pela terceira vez desde o aparecimento do sonoro, ser levada à tela. É a Metro que a vai produzir, com Jeannette MacDonald e Nelson Eddy, popularidade continua imbatível, pelo menos nos Estados Unidos. A título de curiosidade, diremos que a primeira versão foi interpretada

por Laura La Plante e John Boles e não foi apresentada em Portugal, e a segunda por Irene Dunne e Allan Jones, com o actor negro Paul Robeson cantando o célebre «Old Man River», tendo passado no Politeama há uns quatro anos com o título de «Magnólia».

## MAY MAC AVOY VOLTA AO «ÉCRAN»

May Mac Avoyn, que nos últimos tempos do cinema silencioso era uma das vedetas mais populares — todos se lembram ainda dela em «Ben Hur» — abandonou os estúdios depois de ter sido não só a intérprete do primeiro filme sonoro («O Cantor de Jazz», de All Jolson), como também a primeira figura feminina do primeiro filme totalmente falado, «The Terror», que nunca foi exibido em Portugal. May Mac Avoyn, casada com o milionário Maurice Cleary, um dos magnatas da indústria da celofane, assinou com a Metro um contrato de longo prazo, não se sabendo, no entanto, qual o seu primeiro filme para aquela companhia.

## FITAS NA FORJA

Nesta secção daremos todas as semanas os nomes originais dos principais filmes em execução nos estúdios de Hollywood.

- **Flotsam**, segundo a novela de Erich Maria Remarque, com Margaret Sullavan, Frederic March e Frances Dee. Realização de John Cromwell. United Artists (Sonoro Filme).
- **Mr. and Mrs. Smith**, com Carole Lombard, Robert Montgomery, Gene Raymond e Jack Carson. Dirigida por Alfred Hitchcock. R. K. O. (Rádio Filmes).
- **Chad Hanna**, interpretado por Henry Fonda, Dorothy Lamour, Linda Darnell, Guy Kibbee, Jane Darnell, John Carradine e Roscoe Ates. Direcção de Henry King. Em technicolor. Fox.
- **South of Suez**, com George Brent, Brenda Marshall, Geraldine Fitzgerald e George Tobias. Realização de Lewis Seiler. Warner (S. I. P.).
- **A Little Bit of Heaven**, com a pequena cantora Gloria Jean, Hugh Herbert, C. Aubrey Smith, Stuart Erwin, Nan Grey, Eugene Paulette, Billy Gilbert, Charles Ray, Noah Beery, Maurice Costello, Monte Blue e Frank Jenks. Dirigida por Andrew Marton. Universal. (Filmes Alcântara).
- **The Bad Man of Wyoming**, com Wallace Beery e Ann Rutherford. Metro Goldwyn Mayer.
- **Rhythm on the River**, com Bing Crosby, Mary Martin, Basil Rathbone, Oscar Levant e Lillian Cornell. Realização de Victor Schertzinger. Paramount.

## A VOZ DE DEANNA DURBIN NOS HOSPITAIS DE INGLATERRA



Um soldado canadiano sugeriu a Deanna Durbin, canadiana como ele (como são canadianas Norma Shearer e Mary Pickford, que foi, antes de Deanna, a Noiva de Mundo), uma ideia simpática, que a estrelinha da Universal logo pôs em prática: enviar à Cruz Vermelha inglesa uma colecção dos seus famosos discos. A nossa gravura mostra a protagonista de «O Pri-

meiro Amor» (First Love), — que os Filmes Alcântara já apresentaram no Porto e em Dezembro apresentarão em Lisboa — ao lado dum grande pacote de quinhentos discos, com as suas mais lindas canções, que serão distribuídos pelos hospitais ingleses. Mais uma vez o cinema, mensageiro da paz, contribuiu para fazer esquecer os males da guerra...

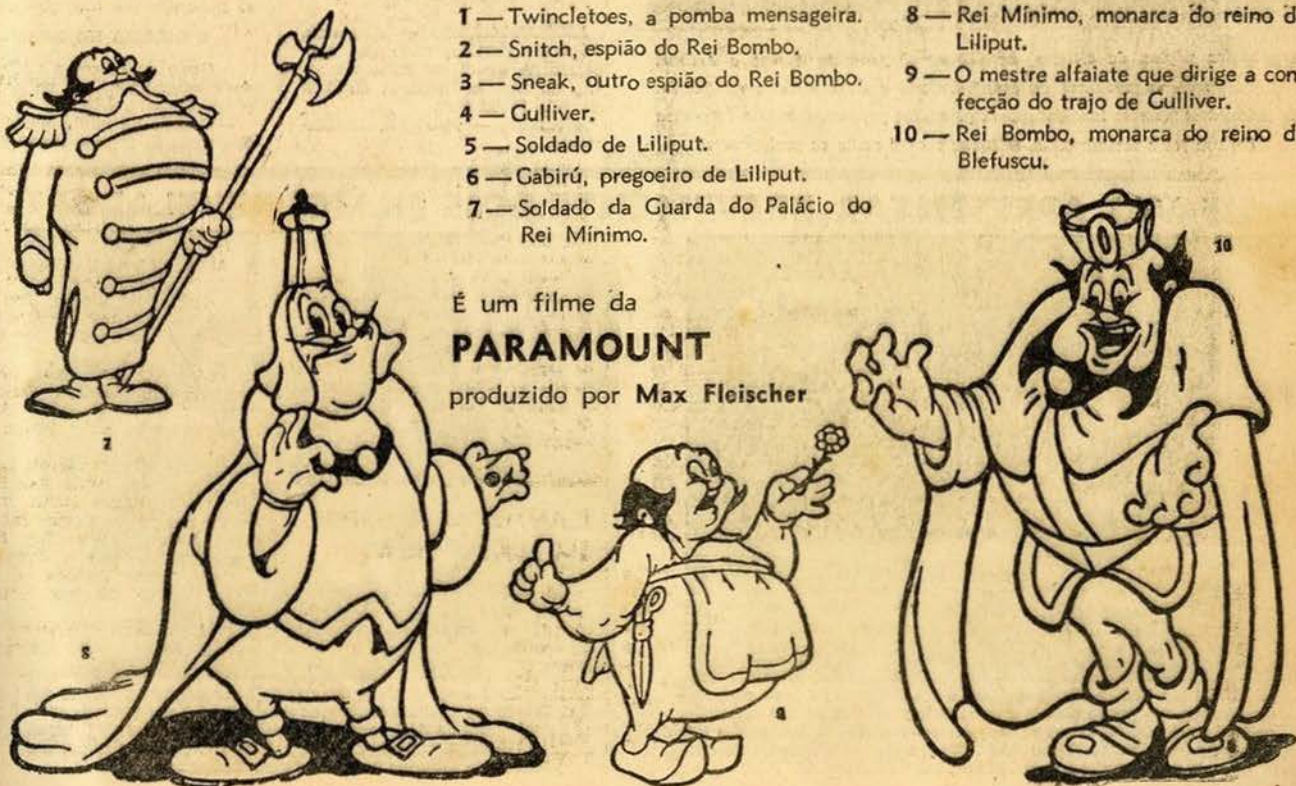




EIS OS  
INTÉRPRETES  
DAS  
«VIAGENS  
DE  
GULLIVER»

- |   |  |
|---|--|
| 1 — Twincletoes, a pomba mensageira.            | 8 — Rei Mínimo, monarca do reino de Liliput.                       |
| 2 — Snitch, espião do Rei Bombo.                | 9 — O mestre alfaiate que dirige a confecção do traje de Gulliver. |
| 3 — Sneak, outro espião do Rei Bombo.           | 10 — Rei Bombo, monarca do reino de Blefuscu.                      |
| 4 — Gulliver.                                   |  |
| 5 — Soldado de Liliput.                         |  |
| 6 — Gabirú, pregoeiro de Liliput.               |  |
| 7 — Soldado da Guarda do Palácio do Rei Mínimo. |  |

É um filme da  
**PARAMOUNT**  
produzido por Max Fleischer





A primeira página da «Noite», no dia da chegada de Tereza e Arthur. Seu título mais importante ao acontecimento que às notícias da guerra. Os outros dois recortes também são de primeiras páginas. E toda a imprensa carioca fez a mesma coisa. O Brasil recebe assim os portugueses!

# De regresso do Rio de HOLLYWOOD ARTHUR DUARTE e TEREZA CASAL contam-nos a suaviagem maravilhosa

Tereza Casal e Arthur Duarte chegaram há dias a Lisboa, vindos de Nova York, a bordo do «Excelsior». Depois dum cruzeiro de dez meses — saíram de Lisboa em 17 de Janeiro — Tereza e Arthur trazem, como se calcula, um mundo de impressões e de novidades do maior interesse cinematográfico, novidades e notícias do Brasil, Panamá, Cuba, México e Hollywood.

«Animatôgrafos não podia deixar de levar os seus leitores até à presença desta simpática casal de dois servidores e apaixonados do Cinema, porque os servidores do Cinema não podem deixar de ser apaixonados da sua profissão.

Tereza, que traz nos cabelos a cor da última moda hollywoodense, está cada vez mais bonita. Fala-nos, claro, de modas, dos ambientes da vida... Arthur Duarte, com o típico dinamismo, o clássico e a vontade de quem não vê dificuldades e já viu meio mundo, insiste nos pormenores da organização industrial, fala com entusiasmo de como e quanto se produz, da fé que tem no seu futuro cinematográfico.

Estão os dois na nossa frente.

**O BRASIL NÃO SE PODE ESQUECER!**

ANIMATOORAPO — Pela data da vossa partida, creio que chegaram ao Brasil em pleno Carnaval, no famoso Carnaval do Brasil. Não foi assim?

ARTHUR — Não foi, infelizmente...

**TEREZA** — O amabilíssimo comandante do barco ainda ordenou marcha a toda a força. Foi uma autêntica festa ao Carnaval... Mas só conseguimos apañar em Pernambuco, a Quarta-feira de Cinzas.

**ARTHUR** — Não julgava, porém, que foi uma desilusão. Para compensar a falta do Carnaval havia nos preparado uma recepção sensacional em toda a parte e sob todos os aspectos, recepção que foi crescendo, crescendo, até à coroação — que para nós foi uma apoteose — de todas essas gentilezas, com a rossa chegada à maravilhosa cidade do Rio.

Eu sazia que era, dos meus tempos na Ufa, conhecido como actor no Brasil; a Tereza tivera, pouco antes, a estreia dos «Fidalgos».

**TEREZA** —, mas não esperávamos tanto e nunca poderemos pagar à imprensa brasileira, em especial à «Noite» e ao «Óslobo» o que fez por nós.

**ANIMATOORAPO** — A «Noite», quando da vossa chegada, dava à reportagem do acontecimento maior relevo, qual do que à guerra e outros assuntos.

**TEREZA** — Exactamente. E creia que isso retrata o ambiente em que fomos recebidos. O Brasil não se pode esquecer!...

**O CINEMA NO BRASIL**

— Como orientar a tua actividade cinematográfica no Brasil — perguntámos a Duarte.

— Quando da minha chegada ao Rio todas as grandes casas produ-

zoras trabalhavam. Adonizaga tinha a produção de dois estudos da sua companhia «Cineclás», «Pareza», em trabalhavam os nossos companheiros Chianca de Garcia como produtor, Aquilino Mendes, operador, Fernando de Barros, caracterista, e ainda Hipólito Colón, João e Manuel Rocha, assistente geral, que também são portugueses. Tinha, pois, à sua volta, grupo de técnicos muito habilitado e trabalhava-se a valer.

Em Santos — outra portuguesa — proprietária e animadora «Vita-Filmes», avançava a larguços com a «Inconfidência de Raul Roulien, que o público não esquece, tinha em seu estúdio ocupado.

Em Raul Roulien, acrescenta-se um extraordinário amigo português. É dama amabilíssima e gentilíssima encantadora, de Portugal com um entusiasmo e interesse que desvanecem os nossos lá, que não podem de saber bem os nossos por toda a parte por onde vão, em todas as terras em que sempre contou portugueses e os seus melhores camaradas.

Por isso, continua Arthur Duarte, com Roulien estava ocupado, mas que, depois de algumas semanas e mereço de oferecimento que me tinham feito, resolvi ir a via oficial e pensei na criação do «Clube de Caxias», e a obra do grande erudito e grande escritor militar brasileiro, meu grande amigo, major João de Carvalho. Fomos duzentos e cinquenta a votar a apreciação do Ministério da Guerra, concluiu-se já com a simpatia deste organismo. E os preparativos marcharam. Aconteceu, porém, que o Sr. Afonso de Carvalho veio a falecer, por causa das Festas Centenárias e estávamos assim, em grande problema — aguardar os dias que fossem necessários ao regresso do major Afonso de Carvalho a perspectiva não nos agrada e hesitava na solução que me surgiram duas saídas: a proposta pelo grande produtor português Carlos Laganha, da «Vita-Filmes», que nos levava a Buenos Aires; outra, que me levava a uma viagem de colónias de filmes, viagens que nos levava à Suíça, à Venezuela, Colômbia, Bolívia, Panamá e México. Faltavam a 48 horas de Hollywood esclarecer Tereza.

E lá, encontramos Duarte, que se propõe era uma tentação. Tentação venceu, como não deixar de ser, eu não fôz mais apaixonado de cinema.

— Quatro meses passaram no Brasil — perguntámos.

— Quatro, respondeu Tereza. Quando em que não nos cansamos admirar a beleza do Rio e

o dinamismo da gente brasileira. Tivemos muita pena de não ver trabalhar a actriz Dulcinea, que andava, então, na Argentina. Vimos, no entanto, uma revista muito bem montada e actuar o grande Procopio.

**E SOBRE CINEMA...**

— Qual o sintoma mais evidente do cinema brasileiro?

— Os brasileiros estão a enriquecer os seus estúdios activamente, o que deixa prever um aumento de produção e uma subida de qualidade.

— E quanto ao mercado para os filmes portugueses?

— O mercado assenta evidentemente na colónia portuguesa. O brasileiro, em geral, não vai ao filme português e, também, não vai ao cinema nacional. A fita preferida é a americana. Mas é susceptível a canalização dos brasileiros para o nosso cinema se este lhe oferecer características que o aproximem do americano, como já hoje tentam as organizações da América do Sul espanhola. Mas é evidente que a base do mercado no Brasil continua e continuará a ser a colónia portuguesa e é uma colónia portuguesa não posta do filme regional pelas razões que já todos os elementos da indústria conhecem. E a verdade é que nós continuamos a insistir nesta característica. Torna-se, quando a mim, necessário encontrar uma fórmula que não esqueça a parte brilhante que o público português do Brasil pede.

— Houve um jornalista que, em tempos, falou da necessidade de legendas nas fitas portuguesas a exhibir no Brasil. Que te parece?

— Não me parece nada. Isso não passou, certamente, dum piada para a base de calho e regionalismos do diálogo das fitas portuguesas. O brasileiro não entende certas particularidades dos nossos falares locais como nós, lisboetas, não entendemos, às vezes, certas piadas dos portugueses e vice-versa. O brasileiro percebe o português correcto. É necessário, pois, nas fitas portuguesas, português correcto. Outro ponto ainda a atender, e este não só por causa do Brasil mas numa forma geral, é a articulação, a cuidada dos nossos actores.

**O RAPTO DOS NOSSOS TÉCNICOS, E FACIM?**

**ANIMATOORAPO** — Disse-me, Arthur Duarte, é de lembrar que o cinema brasileiro, com as suas crescentes necessidades, atrala os nossos técnicos, deixando a indústria nacional desprovida?

**ARTHUR DUARTE** — Sinceramente, creio que sim! O cinema brasileiro prepara-se, como disse, para avançar a grandes passos. Por um lado, há várias companhias, há, pelo menos três, que podem



Estas fotografias tiradas por Arthur Duarte te mostram que:

**HOLLYWOOD TAMBÉM TEM UM DUARTE!**

O Duarte de lá não é português. Dirige um Instituto de Belas Artes em pleno Hollywood, Boulevard. Tereza Casal foi lá restituir o cabelo à sua cor de nascença. Mas não lhe chistem empréstimos, é claro! Tereza diz-nos:

**«O ESTUDIO DE CHARLOT É UM AMOR!»**

Mas acrescenta que só o viu por fora. Isso dá da honestidade com que nos conta a sua viagem, que seria um pretexto para mentiras lindas, desculpáveis e lindas, mostra que não jura ela. Mas sem Arthur nem Tereza precisamos de mentir. Esta fotografia de

**DUARTE EM FRETE DO GRAUMAN'S**

Chines Theatre, o cine mais célebre do mundo, mostra-nos o nosso companheiro de sonho e de trabalho em pleno coração do capital do cinema. Arthur Duarte ganhou bem o direito de ir lá primeiro que qualquer de nós.

contar grandemente e isto provocará uma rivalidade que é estimulo. Todas as empresas se apetrecham. Por outro lado, não agora a lei de protecção ao cinema brasileiro que fixa um contingente inicial bastante elevado de filme amador brasileiro a exhibir obrigatoriamente.

Por outro lado, ainda é possível que os nossos técnicos consigam no Brasil um nível de vida mais elevado. Finalmente, como sabes, o acultamento dispensado aos nossos rapazes foi do melhor possível. Quando cheguei ao Brasil havia, à volta de Fernando de Barros e Aquilino Mendes, que tinham sofrido um desastre dias antes, um movimento de alívio e de simpatia verdadeiramente cativantes. E, depois, repara — Chianca de Garcia com as suas qualidades de realizador e director de produção, Aquilino Mendes, um dos nossos melhores operadores, e Fernando de Barros já marcharam. António Villar preparava, também, para partir. Estes dois últimos são os nossos melhores caracterizadores.

**ANIMATOORAPO** (que emquanto curia se lembrava dos que têm partido, a modos de quem dá um balão e foi, de repente, assaltado por um nome) — E Facim, soube alguma coisa d'ele?

**ARTHUR DUARTE** — Não, nada. Ninguém sabe. Fala-se vagamente de ter sido professor lá para o interior, mas não se sabe nada.

(Conclui no próximo número)

## A SIF VAI APRESENTAR BREVEMENTE DOIS FILMES REVELADORES



«ESCOLA DA VIDA» (Crime School) é um poderoso filme de costumes americanos, em que se debate o polifacético problema da sua mocidade, cativado pelo crime. O grupo inusitado dos jovens intérpretes das «Luzes de Nova York» (Dead End), vai empolgar-nos novamente com a sua espontânea naturalidade, tão humanamente bela.



«CALCATRAZ» é o nome da penitenciária onde os mais perigosos delinquentes públicos da América cospiram os seus crimes — e o nome do outro filme emocionante da SIF, com Ann Sheridan (a rapariga do Comp), John Lisle, Vladimir Sokoloff e Mary McGuire, que os cineastas e o público vão admirar brevemente em Lisboa e no Porto.

# A FOX-FILMES CUMPRE O QUE PROMETE!

PROMETEU, NO  
PRINCÍPIO DA ÉPOCA:

OBRAS-PRIMAS!  
ÊXITOS POPULARES!  
ESTREIAS CONTÍNUAS!  
VARIEDADE DE PROGRAMAS!

POIS, DESDE OUTUBRO, JÁ

APRESENTOU

**8 FILMES**  
DE GRANDE CLASSE!

da

**PÁSSARO AZUL**

com SHIRLEY TEMPLE

2 semanas no ODEON\* e PALÁCIO!

**CASOU COM O SEU MARIDO!**

com JOEL MCCREA e NANCY KELLY

Um êxito de riso no TIVOLI!

**O DESPERTAR DUMA CIDADE**

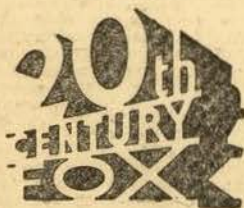
PARE, VEJA E AME!

**O HOMEM QUE NÃO PODIA FALAR**

REPORTER À FORÇA!

Charlie Chan na Ilha do Tesouro!

**MR. MOTO NA ILHA DO TERROR!**



# A FEIRA DAS FITAS

## «A COMÉDIA DO AMOR»

Reside a graça e o agrado desta comédia, saída dos estúdios da Warner Bros e realizada por Archie L. Mayo, numa originalidade do argumento e na interpretação das quatro principais personagens, entregues a Leslie Howard (que faz um actor teatral que passa a vida a representar, misturando as cenas e as tiradas das peças com as situações em que se vê metido), Bette Davis (a companheira no palco e na vida do nosso actor, sempre zangada e apaixonada), Olivia de Havilland (uma admiradora do actor que pretende deixar tudo para o seguir) e Eric Blore (um criado que à força de atuar o actor já se identificou à maneira de ser do patrão e vela pela sua pureza de acções... quanto é possível).

Dois esclarecimentos entendemos, no entanto, dever fazer: Primeiramente, escrevemos muito propositadamente «uma originalidade do argumento. As situações, neste, são correntes, vulgares. O que é original e notável é a maneira como as quatro personagens, e muito em especial o protagonista, misturam as peças com as situações da vida. E daí resulta o efeito humorístico da anedota.

Depois, quanto à interpretação, parece-nos que seria errado distinguir, por qualidade, o trabalho de Leslie Howard do de Bette Davis ou Olivia de Havilland. A interpretação destas é, também, muito boa. Simplesmente o actor está, digamos, constantemente em cena, enquanto que a passagem das duas mulheres é mais episódica. Leslie Howard mostra-se, mais uma vez, o intérprete ideal para as personagens que pairam um pouco acima da objectividade quotidiana, dos que tem sempre um pé no semi-sonho. Bette e Olivia nunca são inferiores quando contraem com Leslie, e há até no trabalho de ambas momentos, de verdade excepcionais. Apontamos a Olivia de Havilland o entusiasmo e nervosismo da sua «Marcia» quando vê em casa o actor «Basil». E Bette dá notavelmente a ironia das cenas finais em que «Joyce» resolve vingar-se da traição de «Basil». E não admira, porque é hoje da meia dúzia das maiores actrices do mundo.

Realização, montagem e cenários, dentro do valor modular da produção americana de bom nível. Porque também há produção «corrente» americana que não presta. E convém distinguir. — F. G.

## «A VERDADEIRA GLÓRIA»

Ao produzir este filme Samuel Goldwyn teve em mira repetir o êxito alcançado por «Lanceiros da Índia», embora não pretendesse igualar a sua categoria nem atingir o seu apuro técnico e espectacular.

Assim lançou mão a dois dos elementos que mais contribuíram para o agrado do modelo — Gary Cooper e o director Henry Hathaway — e arranhou equivalências satisfactorias para o resto, a começar num argumento de idêntico traçado (ambiente exótico, tropa civilizadora, nativos ferozes e traicioneiros, lances intensos, episódios movimentados, heroísmo, abnegação, pitoresco) — e a acabar na figura interpretada por David Niven (o tenente McCool), que corresponde inteiramente à desse outro jovem oficial dos lanceiros de Bengala que Franchot Tone criou com tanta felicidade no filme acima citado.

Depois da diferença de nível entre as duas produções, é a mudança do local da acção o que mais as separa e distingue: em vez das montanhas do Punjab, na Índia, temos desta vez as ilhas do arquipélago filipino — e essa

## QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na ultima semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATOGRÁFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece admiração especial.

«A COMÉDIA DO AMOR» (SIF) — A personalidade original da figura do protagonista — A interpretação de LESLIE HOWARD (Basil Underwood), OLIVIA DE HAVILLAND (Marcia West) e BETTE DAVIS (Joyce Masden).

«A VERDADEIRA GLÓRIA» (Sonoro Filme) — O sentido popular do entrecio, principalmente das cenas finais.

«O DESPERTAR DUMA CIDADE» (Fox) — Os grandes conjuntos do pórtico de Nova York — O «clou» final e a primeira cena de pancada — A ideia de terminar cada cena com um «gaga».

«O MONTE DOS VENDAVAIS» (Sonoro Filme) — A interpretação de MERLE OBERON (Cathy) — A interpretação de LAWRENCE OLIVIER (Heathcliff) — A fotografia de GREGG TOLAND — A adaptação cinematográfica do romance original por CHARLES MAC ARTHUR e BEN HECHT — A encenação de WILLIAM WYLER — O acompanhamento musical de ALFRED NEWMAN — A interpretação de FLORA ROBSON (Helen).

«NINOTCHKA» (M. G. M.) — A interpretação de GRETA GARBO — A realização de ERNST LUBITSCH — O argumento, segundo uma novela de MELCHIOR LENGYEL, a planificação e o diálogo de CHARLES BRACKETT, BILLY WILDER e WALTER REISCH — A interpretação de MELVYN DOUGLAS (Conde d'Agout) — A interpretação de terceto «bolchevistas», SIG RUHMANN (Yranoff), FELIX BRESSART (Buljanoff) e ALEXANDER GRANACH (Kopalsky).

substituição permitiu creditar aos Estados Unidos, e não à Inglaterra, os benefícios da propaganda colonialista contida na história que o filme narra aos espectadores.

Algumas das suas peripecias são francamente bem achadas e regularmente descritas, como o assassinio do coronel Hatch pelo sauramentados, a evasão dos filipinos contra o medo por meio do susto pregado com uma pele de porco a um dos seus inimigos muçulmanos, e especialmente as cenas finais, emexidas com certo brío — com o brío bastante para entusiasmar os espectadores e para explicar o indiscutível êxito popular do filme.

No descompimento destacam-se Gary Cooper e David Niven; os restantes intérpretes são Andrea Leeds, Reginald Owen, Kay Johnson, Broderick Crawford e Wladimir Sokoloff, este numa inenarrável composição de vilão filipino.

O argumento é de Charles L. Clifford e foi adaptado por Jo Sterling e Robert Prinnell, Alfred Newman compôs a música. Quanto à fotografia assina-a o excelente Rudy Maté, mas não se pode avaliar a sua qualidade por ser em contra-tipo a cópia exibida. — D. M.

## «O DESPERTAR DUMA CIDADE»

Os americanos encontraram ajustado meio para evocar o esforço enérgico dos que têm procurado engran-

decer os Estados Unidos: fazer viajar o público pelo passado nas salas escuras dos cinemas. Cecil B. de Mille, Frank Lloyd têm-se igualado nessa tarefa, ligando os seus nomes a certos filmes com aspectos de epopéia, que fizeram escola, marcando nitidamente a personalidade desses realizadores — dirigentes de multidões, criadores de «clous» espectaculosos.

Henry King enfileira, também, ao lado desses homens de cinema com «O despertar de uma cidade». É certo que não é a primeira vez que tal assunto tem as honras do ecrã. O esforço heroico dos que impuseram a navegação a vapor passou já nas telas brancas interessando o público num espectáculo, como aquele da Paramount com o jovem Douglas Fairbanks Junior. Dessa vez, porém, o sonho era de maior grandeza: tratava-se da conquista do Atlântico. Aqui, há apenas o sonho e aspiração de um inventor que luta até que o seu brio de rodas suba o Hudson para engrandecimento de Nova York, pequenina cidade que vive, então, debruçada à beira de água, espelhando o horizonte através de uma densa floresta de mastros e de velas...

Se dissermos que não é o argumento que atesa o êxito deste filme, é porque ele vive mais dos variados recursos de realização, tais como o movimento de grandes massas, espectacularidade de ambientes, defesa técnica de bons momentos (lembramos, por exemplo, o achado final e aquela emocionante cena de pancada-

ria), passagens que doutra forma poderiam parecer falseadas, tanto mais que, por vezes, os personagens têm semelhanças com outros de filmes do mesmo género.

O cast reúne nomes sobejamente conhecidos das platéias. A frente deles destacamos Fred Mac Murray, Richard Green (o galá que a «Fox» inventou para rival de Robert Taylor...) e Alice Faye, que nos parece sempre bonita. São eles que animam a história sentimental que se desenrola à margem de alguns momentos culminantes do filme, como os apontados, e que na realidade valem o espectáculo! — A. E.

## «O MONTE DOS VENDAVAIS»

Tenho pena que a palavra empolgante não tenha sido inventada por mim, para a empregar pela primeira vez na crítica ao *Monte dos Vendavais*. A pesar de gasta e regasta em tanta fita de terceira ordem, zego-me a procurar outra para classificar o filme de William Wyler, pedindo apenas ao leitor que desta vez a tome a sério, tal como tomou a sério (na ponto de se queixar) a adaptação cinematográfica do romance de Emily Brontë.

Embora *Wuthering Heights* seja uma das mais poderosas obras da literatura mundial no século XIX, não dávamos nada pela cartada de o trazer para o cinema, pois não há canudo cinematográfico mais comprido que tentar prender as platéias com filmes aparentes de certos romances de Camilo, em que há frases como estas: «Mas não ficavam por ali os tormentos da pobre menina!...» Mas há soberba adaptação de Mac Arthur e Ben Hecht, condensando numa só tirada o que, no livro, leva duas gerações a resolver, deu ao filme tais proporções, que o equilíbrio instável entre a estopada e o ridículo que recebíamos se transformou num espectáculo verdadeiramente excepcional. A infância, os amores e a virginal de Heathcliff fica o cinema desendo uma das suas melhores obras.

Por ela passamos, dramatizado até à dor física, o mesmo sobre do forças naturais desencadeadas que deram origem do epopéia a certos filmes de Jean Epstein (*Pescadores de Saragosa*) e de Flaherty (*The Man of Aran*). Mas aqui, no *Monte dos Vendavais*, a tempestade manifesta-se principalmente nas almas, e os fenómenos naturais cedem o passo a outros de ordem sobrenatural, em que as paixões se prolongam para além da vida e da morte.

Tudo contribui para criar a atmosfera mais propícia à manifestação de tais fenómenos: a interpretação, o arranjo cénico, a fotografia, o acompanhamento musical.

Merle Oberon o Lawrence Olivier dominam todo o filme. A australiana tem em Cathy a sua primeira grande criação. A pesar do poder quasi hipnótico que Olivier imprime à sua personagem depois do regresso, prefiro a interpretação de Merle, por certos aspectos... frankensteinicos que Olivier dá a algumas cenas, na primeira parte. Mas as cenas no castelo dos rochedos e a cena da morte de Cathy são inolvidáveis.

Todos os mais vão admiravelmente; mas é justo distinguir Flora Robson, na criada. A fotografia de Gregg Toland bem mereceu o primeiro prémio da Academia de Hollywood, que lhe foi atribuído. O acompanhamento musical de Alfred Newman está tão acima de todos os louvores, como a maneira como o *Monte dos Vendavais* foi apreciado na imprensa diária está abaixo de todas as críticas. O público, já se

As críticas de «ANIMATOGRÁFO» são feitas por António Lopes Ribeiro, Domingos Mascarenhas, Augusto Fraga e Fernando Garcia



OS GRANDES  
MOMENTOS  
DA VIDA

Só um  
**Ciné-Kodak Oito**  
os fará reviver  
logo... amanhã... sempre...



É o casamento de ontem, o baptizado de hoje, os vossos passeios, todas as cenas da vossa vida filmadas por vós próprios.

Os dias passam, vossos filhos crescem, mudam os amigos. Guarde, pois, vivas lembranças desses dias... relembre os gestos, as atitudes dos que vos são queridos. Filmar com Ciné Kodak Oito é simples, prático, económico. Cada cena não custa mais do que uma vulgar fotografia. Decida já.

Peça uma demonstração sem compromisso.

**CINÉ-KODAK**

KODAK L. R. GARRETT, 33 - LISBOA

8

deixa ver, não ligou nenhuma, e fez muito bem.

Quando terminará esse triste espectáculo? — A. L. R.

## «NINOTCHKA»

Não sei — nem quero saber! — de ninguém que não tenha ficado deslumbrado com o estuante espectáculo de espirito que *Ninotchka* nos oferece, resultante dum dos desenhamentos mais felizes que temos visto num ecran. Lubitsch é sem dúvida o homem do cinema que melhor conserva a sua estrema, na acção desportiva da palavra.

Tão brilhante na *Princesa das Ostras* de 1929 como na *Ninotchka* de 1940, habituou-nos durante vinte anos de trabalho ininterrupto à sua mão segura — segura e leve. Mas em *Ninotchka*, ultrapassa-se! Nem mesmo no famoso *Leque de Lady Margari-* da que os antigos frequentadores do

Tivoli de-certo não esqueceram, Lubitsch foi tão fabulosamente servido pelos fados. Em *Ninotchka*, a ideia e a forma, agora tomada no sentido estético, completam-se tão perfeitamente, que chega a parecer impossível.

É a veia satírica de Lubitsch, tão diferente da de Charlie Chaplin, atinge nesta sua comédia culminâncias idênticas às que o génio israelita procurou em vão atingir em *Tempos Modernos*. Basta comparar os dois cortejos comunistas. O de *Charlotte* é um cortejo que se forma por engano (lembram-se?), só porque o pobre Schmil pretende restituir uma bandeira vermelha perdida por um camião. O de Lubitsch é a reconstituição dum parade de comasomol, na Praça Vermelha de Moscóvia. Reconstituição rigorosa, como é rigoroso tudo o que nos mostra da U. R. S. S., pois já lá estive e posso garanti-lo. Mas a Lubitsch basta criar artificialmente uma cena de documentário, para provocar, irresistivelmente, o riso.

Nem precisa de carregar a nota, de sublinhar descaradamente os seus efeitos segundo o prisma burguês. Val buscar os ridículos e os pódes exactamente onde estão e mostra-os exactamente do tamanho que são. Mas mostra-os *do bem*, que não conheço libelo mais derreante nem surra mais completa nos pândegos da Soviécia.

Pósto isto (*Politique d'abord!*) — sobeja Greta Garbo. Tão grande, tão espantosa actriz, que nos momentos em que mais nos fez rir, francamente, honradamente, sem as amarguras de ricochete e os remorsos filosóficos que o sr. Chaplin trata sempre de fazer fermentar no nosso fôro íntimo; nos momentos em que mais nos fez rir — comoveu-nos. Comoveu-nos pela sua arte admirável, pela sua prodigiosa criação da mulher que se ignora, ou antes: que se esconde dentro dum receita política, feita da mais convencional e estulta verborreia tecnológica e estatística; como uma borboleta num casulo. Oh! Aquela gesto

inimitável de mostrar o icrimento na nuca! Aquela desabrochar, a um tempo rude e frágil, dos seus sentidos de mulher! Aquela ciúme! Aquela bebedeira!... Porque quando lhes perguntarem qual é a única actriz do mundo capaz de se exibir com uma carrapana de caixão à cova, daquelas de andar de gatas, sem perder um miligrama da sua beleza e sedução respondam sem hesitar: Greta Garbo.

Melvyn Douglas e os três actores alemães que desempenham os impagáveis bolchevistas recalcitrantes, merecem distinção: o primeiro por não ter ficado derrotado no mais temível dos confrontos; os outros pelo muito que nos fazem rir. — A. L. R.

No próximo numero:

**RAUL FARIA  
DA FONSECA**

# O Correo de Bel Tenebroso

Minhas queridas leitoras  
Meus prezados leitores

Quando, há menos dum ano, me despedi de vós, nas colunas do «Cine-Jornal», onde cimentámos uma amizade e uma camaradagem fora do comum, senti qualquer coisa, dentro de mim, a dizer-me que a separação não iria ser longa e que o «deus» significaria «Até Breves».

Sempre odiei as despedidas. Entre o vapor que parte e a multidão que fica no cais cava-se um abismo cada vez maior, cada vez mais distante, mas que tem um limite certo, no tempo e no espaço. O mesmo sucede, quando o combão, correndo pelos trilhas, leva a quem que muito amamos — e nos deixa numa pare, cinzenta e pritante, de lágrimas nos olhos (por causa do fumo...) a acenar, com um lenço branco, as saudades que cá ficam.

No nosso caso, as despedidas foram mais tristes. Entre vocês e eu — cavava-se uma distância, cujos limites ninguém podia adivinhar, e muito menos situar no tempo e no espaço. Por isso, procurei que as despedidas fossem breves, certo de que o Destino não quereria, com certeza, tornar pensosa em demasia esta separação.

Aqui me têm como eu sonhava: volvidos breves meses, a reatar conhecido a nossa conversa amena, de longos anos. Aqui me têm, certo de que todas as minhas leitoras e os meus leitores, acorrerão, como dantes, a trocar impressões comigo. Porque eu quero que todos aqueles que durante mais de cinco anos foram leitores de «Cine-Jornal», se tornem propagandistas e leitores fiéis do Animatógrafo.

O Animatógrafo surge numa altura em que não temos em Portugal nenhuma revista de cinema. Estou certo de que só agora, volvidos tantos meses, sem uma revista que vos fale da Arte que todos nós amamos do Espectáculo que elegemos como nosso favorito. Vocês, cinefilos entusiastas, cinefilos na verdadeira aceção da palavra, terão avaliado o que significa não haver uma revista portuguesa de cinema, que vos instrua, que vos divirta, que vos fale da maravilhosa Arte das Imagens.

Animatógrafo é uma efémera de cinema. Todos os jornalistas que à Sétima Arte se têm dedicado colaborando na revista que Vv. estão folheando Eu garanti a António Lopes Ribeiro, chefe desta causa cinematográfica nacional, que os milhares de leitores do Cine-Jornal de ontem vão comprar, ler e divulgar Animatógrafo, contribuindo assim para tornar a revista cada vez maior, cada vez melhor. Vv. nunca me deixaram ficar mal. Tenho a certeza absoluta de que correspondido, de alma e coração, ao meu apelo.

Agora, duas palavras muito sentidas, de reconhecimento, de amizade profunda — às leitoras que através, de tantos meses, não deixaram de me escrever, de tornar menos amarga a separação. Elas sabiam que eu não poderia responder-lhes. Elas sabiam também que eu não tinha forma de lhes agradecer essa atenção comovedora. Tudo isso contribuiu, porém, para que guardes de vós a mais enternecida gratidão! Se não fosse modesto por natureza (será imoderada dizer isto?) ter-me-ia enchido de vaidade! Porque estou certo de que nunca as meus camaradas «Cine-Jornal» ou «Jean Talpain» (do Cinémond) — cujas secções de correspondência criam justa fama — receberam dos seus leitores semelhante prova de dedicação e de afecto.

Quando o director de Animatógrafo me convidou para ressuscitar nas colunas da sua revista, a secção que criei no Cine-Jornal, imediatamente accedi, por duas razões: pela simpatia que me mereceu o Animatógrafo, e ainda, e sobretudo, porque, em face dos meus leitores de ontem, e perante as provas de estima de que fui objecto de parte deles, não tinha o direito de recusar esse convite — que aliás tem tanto de desanecedor, como de interesse.

Teu amigo o director desta revista que eu pusesse em dia o correio que ficava em atraso, à data da suspensão de Cine-Jornal. Por mim, encantado com a ideia. Tinha, de facto, uns «pequenininhos» maços de cartas, atados com fitinhas multicoloradas, ao jeito romântico dos que antigamente se cartezavam, anos e anos, com os seus amores distantes... Esses «pequenininhos» maços exibiam por fora uns números cabalísticos: «8.601 a 8.700», «8.701 a 8.800» — e assim por diante. Os maços, por sua vez, eram apenas, quinze... Dentro de cada um deles, 100 cartas, de cores e dimensões variadíssimas, tendo a encimada-las um número a vermelho, correspondente à ordem da entrada, à ordem por que haviam chegado as minhas mãos.

Levei o meu tesouro, com um ornitho triunfante, à redacção. Ficaram desolados!... Era impossível por em dia o correio de Bel-Tenebroso, a menos que Animatógrafo, durante números e números, não incluisse outra coisa nas suas páginas que não fosse uma infundável — embora por certo, apaixonante... — secção de correspondência. Mas, subitamente, ao director da revista ocorreu uma ideia. Pegou nos diversos maços e tirou meia dúzia de cartas, ao acaso... Uma, branca, em papel linhado, letra caprichosa a dançar o «Bla-Apple», com uma assinatura cristalina e primaveril: Maria Cotovia; outra, enorme, côr de marfim, que parecia uma mensagem real, num papel forte, ruçoso (que seria a ruína da signatária, se a mandasse por avião, tendo à esquerda da assinatura um chapelhinho de bico, ao jeito medieval e cujo final revava assim: «E, para o meu afilhado... Já adivinharam o nome?... Mab-Ilia! A terceira carta era uma folha de papel comercial, escrito de alto a baixo, numa letra cerrada, inclinada sobre a direita com o mais modesto e mentiroso dos pseudónimos: Uma garota sem importância. A carta número quatro surgiu: letra azul sobre papel amarelo.

Percebi depois que a côr era de desespero, por ainda não ter saltado para este grupo das seis eleitas... Quando se destacou, lembrei-me logo de Benjaminio Cipri: «Non ti scordare di me!». Porque a carta era da sua mais entusiasta admiradora em todo o mundo, Benjamina, senhora das seranias, adoradora do deus Sol e dos horizontes sem fim. A carta n.º 5 não tardou em cair sobre a mesa: era uma carta cheia de interrogações e assinada pelo mais curioso dos cinefilos alfacinhas: sua Alteza Real Luis XV, que todos conhecem, pelo menos de tradição... A sexta e última carta trazia ainda o perfume das flôres da Ilha do Sorho: a Madeira. Letra bonita, elegante, e uma assinatura que nos deixa adivinhar o reflexo duns lindos cabelos loiros, no cenário imenso do mar azul: Uma loira madeirense.

Por hoje, respondo apenas a estas seis cartas, no gesto simbólico de quem recita uma conversa que qualquer circunstância fortuita interrompeu: como eu vos lá dizendo... Estas seis cartas são como que a fita que se corta no acto da inauguração oficial dum edificio, lá muito construído e que conhecemos a palmos... São o traço de união afectiva entre o «Bel-Tenebrosos do Cine-Jornal» e do mesmíssimo «Bel Tenebrosos do Animatógrafo».

E agora, cá fico esperando as vossas cartas! Para a semana, terão já as respectivas respostas, se Vv. não espervarem muitos dias, para saudar o vosso amigo, de tantos anos. Até lá, as mais entusiásticas e efusivas saudações do

Bel-Tenebroso

MARIA COTOVIA. — Não há dúvida V. é uma rapariga com sorte. Logo a primeira carta foi sua!... Não me tinha esquecido ainda da sua letra e a prova é que a reconheci, antes de ter visto a respectiva assinatura. O mais curioso é que a sua carta tinha o número de entrada 8968. Capicual! Estou a adivinhar o seu conteúdo: «Bonita ideia esta de nos pôrem um número nas costas, como se fossemos uma presidências... Mas a verdade é que se assim não se fizesse, não poderia saber qual teria chegado em primeiro lugar. E, por outro lado, carta que sai fica prisioneira, condenada a pena maior, e só mais tarde é que sai para o degredo dum prateleira, depois de lavrada, por mim, a sentença irrevogável... Maria Cotovia, espero que me diga: «Aqui estou»

MAB-ILLA. — Não sente uma lágrima de emoção, a deslizar pela face?... Não diga nada! Quanto mais se estimam as pessoas que se encontram, após uma longa separação, menos palavras têm para dizer o que lhes vem na alma. As grandes alegrias são mudas. Espero que tenha regressado da Quinta Fria e que haja sido espectadora dos acontecimentos cinegráficos da temporada: a primeira paixão do Mickey Rooney, o «Novo Amor de Andy Hardy», a enterpecedora história de «Pinóchio» e da heroica luta que o seu anjo da guarda trava para o afastar das tentações do mundo; o encontro de Fred-Eleanor, no duelo coreográfico de «Idílio Musical»; a dolorosa tragédia do crepúsculo dos grandes actores, no «Fim do Dia»; a novela de amor impossível do Boyer e da Irene Dunne, em «Quando o outro dia chegou»; a tempestuosa paixão e morte de dois amantes românticos, em «O Monte dos Vendavais», cujo sabor camiliano ressalta nas concludórias soluções dum caso de amor quasi banal; etc., etc. Que magnífica e prometedora época, temos tido! Mab-Ilia: aguardo chelo de interesse a sua próxima carta.

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Viva! O que será feito de si! Tenho a impressão de que estes meses passados, devem ter originado grandes mutações no xadrez deste «Correio». Quantas das minhas leitoras terão casado, entretanto! Quatro ou cinco meses, na vida dum mulher de dezoto ou vinte anos, são uma eternidade à vista de igual lapso de tempo da vida dum homem, de idade semelhante... Na sua carta, V. pergunta-me, com o maior interesse: «Quando veremos «Gone with the Wind»? Por ora, apenas lhe posso dizer que a firma produtora não tenciona apresentar o filme na Europa, antes do fim da guerra. Quando não bará a guerra? Ai está uma pergunta que faria a minha fortuna se eu fosse capaz de responder, com precisão...

BENJAMINA. — Como a poderia esquecer?! Ainda, há dias, com que alvoroço, li uma carta sua, em que me fala do maravilhoso espectáculo das seranias sem fim, que calcurriou, durante o verão, em infundável petrificação... Espero que a sua próxima carta seja cem por cento cinegráficas, para debatermos sérios e largos problemas... — As respostas de hoje vão terrivelmente acinegráficas. Mas a caixa do correio dum primeiro número, e referente a cartas que di respeito a um verão, durante o cinema é defeso, não p forma alguma ser 100 por cento filias... — Estimei imensamente as notícias e a algumas cartas como V. se... sempre... tenho... chio... ar...

UMA LOIRA MADEIRENSE. — Gostei que tivesse esaidos esta carta sua! E a razão é simples: Ai na Madeira tenho dezenas e dezenas de correspondentes. Não podendo escrever hoje a cada uma delas, quero saudar, em V., todas as leitoras da Ilha do Sorho. De resto, Uma loira madeirense foi sempre uma dedicada consulente. O acaso, por vezes, vem ao encontro dos nossos melhores desejos. — Que filmes tem visto, agora, por aí? Já foram ao Funchal as mais recentes produções portuguesas? — Espero, dentro em breve, ter cá uma cartinha sua, para conversarmos mais longamente, visto que o assunto debatido na carta a que estou respondendo já ter perdido toda a actualidade.

BEL TENEBROSO

O COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL DO CINEMA DE AMADORES: Um aparelho de gravar discos!

O mesmo aparelho grava e reproduz, com espantosas facilidade e fidelidade, de a voz humana, música, todos os ruídos, enfim: TUDO o que é preciso para transformar um filme MUDO num autêntico FILME SONORO!

ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO  
RUA NOVA DO ALMADA, 97/99, LISBOA Telefone: P. A. B. X. 2 1051

# AS PERSONAGENS DA MELHOR COMÉDIA DA TEMPORADA

## « COMO ELA SE ENGANOU... »

Lisboa vai ver a partir da próxima 4.ª feira, 13 uma das mais curiosas comédias americanas. Intitula-se «Como Ela Se Enganou...» e é nada menos que a famosa película da Nova Universal, «Service de Luxe», exclusivo de Filmes Alcântara que a estrearão si-

multaneamente nos cinemas Odeon e Palácio. Formada sobre um tema originalíssimo, a película anima uma série de personagens que pela sua psicologia e personalidade constituem o alicerce cómico da jovial obra. Vamos apresentar na presente página essas figuras a quem Portugal vai dever uma esplêndida hora e meia de alegria, num espectáculo de rara beleza e de faustosa espectacularidade.

### CONSTANCE BENNETT

- em **Helen Murphy**, na vida privada, Dorothy Madison no mundo dos negócios onde dirige a mais expantosa e completa agência de todo o mundo, aquela que tudo consegue menos admitir a existência da palavra «Impossível».

### INCENT PRICE

- em **Robert Wade**, o moço e decidido inventor que se não compadece com a idéia de que o seu êxito possa de qualquer forma ser devido às diligências da mulher que o ama.

### CHARLIE RUGGLES

- em **Scott Robinson**, um engenheiro, rico e excêntrico, que tem a mania de se doutorar... em culinária.

### HELEN BRODERICK

- em **Pearl**, a confidente paciente e a secretária inexigente da agitada e apaixonada Helen-Dorothy Madison-Murphy.

### MISCHA AUER

- em **Robenko**, príncipe russo no exílio, espírito convicto e digno mestre de culinária do seu amigo, o engenheiro Robinson.

### JOY HODGES

- em **Andrey**, a endiabrada e romântica filha de Robinson, que se apaixonou por Robert e à última hora desposou Robenko.

**Como Ela se Enganou...** Uma Super-Comédia da

Um exclusivo de FILMES ALCANTARA

UNIVERSAL PICTURES

4.ª feira no ODEON e PALÁCIO



# BALANÇO DUM COMEÇO DE ÉPOCA

Um artigo em que se enumeram os filmes de GRANDE CATEGORIA e GRANDE ESPECTACULO apresentados em Lisboa até o fim de Outubro deste ano

Não nos parece desinteressante nem despropositado fazer neste primeiro número de «Animatógrafo» um rápido balanço dos filmes apresentados em Lisboa até o fim de Outubro, isto é, no começo da época 1940-41. Diga-se desde já que a temporada, sob o ponto de vista cinematográfico, se anuncia prometedora. Mas interessa-nos por agora mais avaliar aquilo em que *cumpriu*.

Para o fazer, e sem que isso represente desdém para muitos outros filmes, cujo interesse se justifica a vários títulos, vamos referir-nos apenas aos filmes de grande categoria cinematográfica e de grande espectáculo apresentados (repetimos) até fim de Outubro, visto que a todos os restantes se faz a devida referência na secção de crítica deste mesmo número.

As duas obras culminantes desse período foram, sem dúvida, *Pinocchio*, milagre de Walt Disney, dez vezes superior a *Branca de Neve* e os *Sete Anões*, da Rádio Filmes, e *O Monte dos Vendavais*, da Sonoro, uma das mais pujantes e impressionantes obras que nos tem dado a cinematografia. Na primeira, admiramos a imaginação transbordante da maravilhosa oficina que Alameda Negreiros comparou muito justamente às da Idade Média; na segunda a adaptação felicíssima dum romance célebre, interpretada por assombrosos artistas e dirigida por um extraordinário realizador: William Wyle, o encenador de *Veneno Europeu*, *Três corações iguais* e tantas outras obras-primas.

Da Universal (Filmes Alcântara) vimos um filme interessantíssimo, pelo cuidado da encenação e, principalmente, pela interpretação incedível do par Irene Dunne-Charles Boyer: *Quando o outro dia chegou*. Embora não atinja o nível de *Ele e Ela*, as cenas passadas durante a inundação são notabilíssimas.

Revimos Fred Astaire, o aéreo, o imponderável Fred Astaire, divorciado artisticamente de Ginger Rogers (que já vóia pelas suas próprias e poderosas asas), que Eleanor Powell substitui. Os baillados dos dois casais da dança em *Idílio Musical*, da M. G. M., são um encanto permanente, pela segurança, pela graça, pela originalidade das marcações e pela música de Cole Porter.

Vimos, com muita curiosidade, *Pássaro Azul*, segundo a peça de Laeterinck e com Shirley Temple, a crescidota, em Myrtil. O incên-

dio da floresta é um assombro, que o Technicolor valoriza 100 por cento. A pesar-da segura da transposição, pode considerar-se um espectáculo de categoria a incluir neste rol.

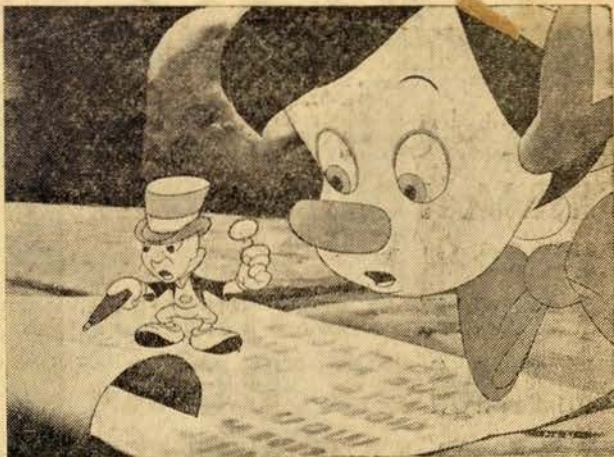
A linda Madeleine Carroll apareceu-nos ao lado de Brian Aherne e Louis Hayward, em *Meu filho e meu rival*, da Sonoro Filme, o célebre *My son, my son*, em que um conflito de grande vigor humano encontra a mais apropriada das realizações e dos desempenhos. E também a Sonoro, que decididamente entrou a época com o pé direito, cabe um terceiro grande espectáculo: *A verdadeira glória*, de Hathaway, com Gary Cooper, o inimitável Gary Cooper, e David Niven, que já ganhou há muito direito a figurar na primeira linha das estrelas-homens.

Resta citar, para que fique completo este balanço até fim de Outubro, dois filmes franceses realmente excepcionais: *O fim do Dia* e *Fui uma Aventureira*. O primeiro, apresentado pela S. I. F., refina o melhor realizador e os três melhores actores da França: Julien Duvivier, Michel Simon, Louis Jouvet e Victor Franzen. Um ambiente inédito do maior interesse, uma acção originalíssima e os três actores em três papéis que lhes vão, paradoxalmente, como uma luva: um canastrão, um falhado e um cabotino.

Finalmente, *Fui uma Aventureira*, quarto filme de categoria real que a Sonoro apresentou no começo desta época (o que é um recorde notável), reúne três nomes da nossa particular simpatia: o realizador Raymond Bernard, o impagável Jean Tissier, Jean Murat, num dos seus melhores papéis, e a fascinante Hedwige Feuillère, bela e artista como nunca. Uma aventura graciosíssima é-nos contada com tanta nitidez e tanto espirito, que nos diríamos diante duma comédia americana de primeira linha.

Se quizessemos estabelecer uma lista das melhores criações, ver-nos-famos certamente embaraçados. Dos «homens», quanto a nós, o mais famoso é... o «Sr. Grilo», de *Pinocchio*, logo seguido de perto por Lawrence Olivier. Das mulheres, preferimos Merle Oberon, Irene Dunne e Edwige Feuillère. Mas as mais e os mais que citamos são concorrentes seríssimos.

Dos realizadores, sem falar de Disney, Wyle vem à cabeça, com



Em *Pinocchio*, a personagem mais espantosa é a do senhor Grilo, materialização da consciência, em tudo o que ela tem de tardio, de conselheiral e de impotente. Ei-lo aqui, lendo a *Pinocchio* a mensagem caída do céu aos trambolhões. (Rádio-Filmes)



Merle Oberon e Lawrence Olivier atingem um nível excepcional na interpretação de Cathy e Heathcliff, na impressionante realização de William Wyler, *O Monte dos Vendavais*. Esta fotografia mostra-os, quando observam a festa em casa de Edgar (David Niven), pouco antes da cena em que são mordidos pelos cães. (Sonoro-Filme)

o *Monte dos Vendavais*, filme que tem a melhor fotografia e o melhor acompanhamento musical de todos os que citamos.

A mais linda canção, encontramos-a no *Idílio Musical*: «Begin the Beguine», com as marcações de Busby Berkeley. E o melhor som (prémio da Academia) é o de *Quando o outro dia chegou*...

Resumindo: quasi todas as firmas

distribuidoras nas deram, em poucas semanas, um ar da sua graça, cabendo um grande filme a cada uma das seguintes: R. K. O. M. G. M., Fox Filmes, Alcântara e S. I. F.; cabendo o quarto à Sonoro-Filme. Se a temporada continua neste ritmo de grandes espectáculos, ninguém terá razão de queixa.

F. S. J.

## Animatógrafo

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

2.ª série — N.º 1

11 de Novembro de 1940

Preço: 1850

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: Rua do Alecrim, 55, LISBOA (Telefone 2 9856) — Compósto e Impresso nas OFICINAS DO «JORNAL DO COMÉRCIO E DAS COLÓNIAS», Rua Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5 (Telefone 2 9151) — Rotogravura a cargo da «NEOGRAVURA, LIMITADA», Travessa da Oliveira, 4, Estréla. 4-6 — Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA, Largo Trindade Coelho, 9, 2.ª (Telefone P. A. B. X. 2 7507), LISBOA

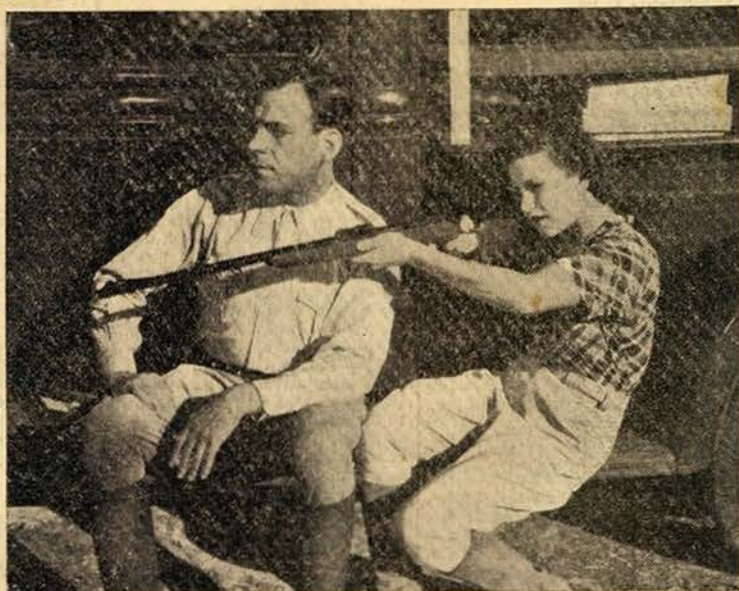


# A SPAC

**SOCIEDADE PORTUGUESA DE ACTUALIDADES CINEMATÓGRAFICAS LDA**

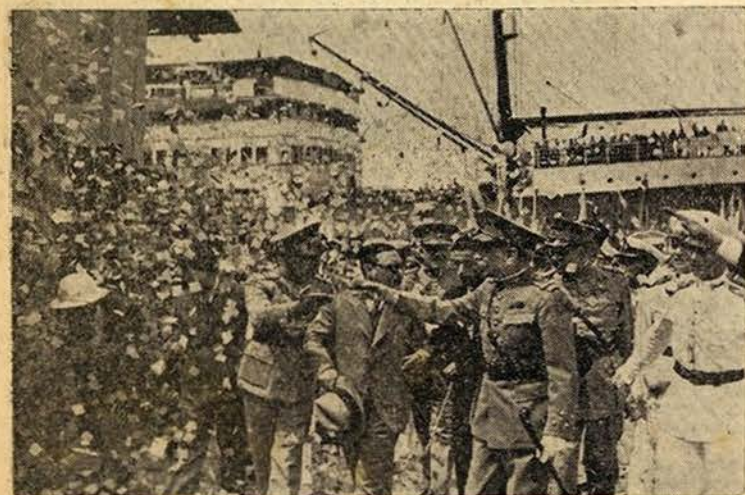
**É A ÚNICA  
FIRMA PORTUGUESA  
QUE SÓ  
PRODUZ E DISTRIBUI  
FILMES POR-  
TUGUESES!**

**PARA 1940-41 TEM À DISTRIBUIÇÃO  
PARA TODO O MUNDO  
OS SEGUINTE EXCLUSIVOS:**



## FEITIÇO DO IMPÉRIO

**A SENSACIONAL REVELAÇÃO DA NOSSA AFRICA · REALIZADA POR ANTONIO LOPES RIBEIRO**



com ALVES DA CUNHA, AMARANTE, AN-  
TÔNIO SILVA, RIBEIRINHO, LUÍS DE  
CAMPOS, ISABELA TOVAR e MADALENA  
SOTTO nos principais papéis.

As reportagens completas  
da PRIMEIRA e da SEGUNDA  
**V I A G E M**  
do CHEFE DO ESTADO  
às Colónias de África

**"O JORNAL PORTUGUÊS"**

revista de actualidades com 21 números editados, dos quais 6 da SÉRIE ESPECIAL DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS.  
● MUITOS OUTROS DOCUMENTÁRIOS E FILMES CULTURAIS, focando os aspectos interessantíssimos da nossa paisagem e das nossas actividades. — A EDITAR ATÉ AO FIM DO ANO: ● JORNAL PORTUGUÊS N.º 22, 23 e 24. ● EXERCÍCIOS MILITARES DE 1940. ● E o grandioso documentário da EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS.

Sede: Avenida da Liberdade, 245, r/c. - LISBOA - Telef. 2.3166 — Representante no Porto: ABEL D'AQUINO - Rua Duque Saldanha, 20 - Telef. 330

# BIGAMIA



Estava Jean Arthur descansadíssima da sua vida a namorar Melvyn Douglas, quando surgiu Fred Mac Murray, disposto a conquistá-la à viva força. Melvyn parece bastante contrariado.



Para os americanos, o «fair-play» não é palavra vã. Enquanto Jean hesita (que bem, que ela hesita!) Melvyn e Fred consultam ansiosamente o malmequer. E a ambos saú — «bem me quere!...»



Decidem entregar a solução do despique à principal interessada. Mas aí! Jean não sabe como decidir-se. De quem vai ela aceitar a aliança simbólica? Ao loiro Melvyn ou ao moreno Fred?...



Enfim! Jean Arthur parece ter-se resolvido. Pelo menos assim o julgam os dois rivais, que não escondem a ansiedade: Fred com a violência dos morenos, Melvyn com a placidez dos loiros.



Falso alarme! As cartas que decidam. A quem caberá o az de copas, que simboliza, está bem de ver, o coração de Jean Arthur, pois na América, que se saiba, ninguém lhe dá outra significação.



Feliz Fred Mac Murray! Quanto não daria Melvyn para estar no teu lugar? E quanto não daria o leitor?... E as leitoras já sabem que têm que contentar-se com Melvyn, pois Fred é a dona.

ESTA SÉRIE DE FOTOGRAFIAS SERVE PARA FAZER CRESCER ÁGUA NA BOCA AOS FUTUROS DORES DA COMÉDIA «BIGAMIA, QUE A ALIANÇA SIMBÓLICA...»

# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



## "Mulheres"

Norma Shearer, Joan Crawford e Rosalind Russell são as estrelas do filme de George Cukor, totalmente interpretado por mulheres, onde aparecem outras 133 das mais célebres actrizes de Hollywood e onde não se fala noutra coisa senão... nos homens!  
*(Um filme da Metro-Goldwyn-Mayer)*

LEIAM. NO PRÓXIMO NÚMERO, UM INQUÉRITO SENSACIONAL